



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

Kelly Marinaro de Queiroz

A (I)MORTALIDADE NA EPISTOLOGRAFIA DE EMILY DICKINSON:

tradução comentada de cartas selecionadas da autora

Florianópolis

2026

Kelly Marinaro de Queiroz

A (I)MORTALIDADE NA EPISTOLOGRAFIA DE EMILY DICKINSON:

tradução comentada de cartas selecionadas da autora

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Língua Portuguesa e Literaturas.

Orientador(a): Dr. Prof. André Cechinel

Florianópolis

2026

Queiroz, Kelly Marinaro de

A (I)mortalidade na epistolografia de Emily Dickinson :
tradução comentada de cartas selecionadas da autora /
Kelly Marinaro de Queiroz ; orientador, André Cechinel,
2026.

70 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras - Língua
Portuguesa, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Letras - Língua Portuguesa. 2. Emily Dickinson. 3.
Cartas. 4. Tradução Comentada. I. Cechinel, André. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Letras - Língua Portuguesa. III. Título.

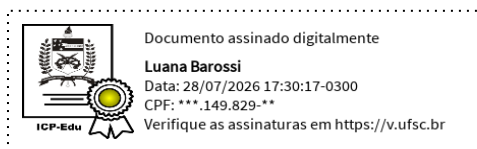
Kelly Marinaro de Queiroz

A (I)MORTALIDADE NA EPISTOLOGRAFIA DE EMILY DICKINSON:

tradução comentada de cartas selecionadas da autora

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharela e aprovado em sua forma final pelo Curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas.

Local sala 215 do CCE – Bloco B, 30 de junho de 2026.

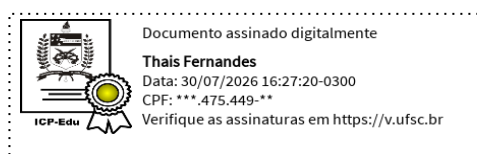


Coordenação do Curso



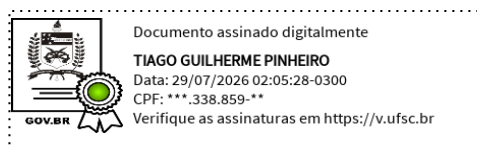
Prof. André Cechinel, Dr.

Orientador



Prof.(a) Thais Fernandes, Dr.(a)

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)



Prof. Tiago Guilherme Pinheiro, Dr.

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Florianópolis, 2026.

Dedico este trabalho à minha mãe. Sua carta e suas palavras continuam comigo, principalmente o seu “Te amo muito”, há quatro anos tatuado na minha pele.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao meu orientador, professor André Cechinel, por ter visto potencial na minha pesquisa e aceitado me orientar, também ao professor Tiago Pinheiro e à professora Thaís Fernandes por aceitarem participar da banca de defesa e por terem marcado a minha trajetória de graduanda, cada um à sua maneira. Ao professor Jorge “Joca” Wolff, por mais do que tudo, ter me auxiliado nos meus momentos de dúvida quanto ao TCC, principalmente por ter me aconselhado a escolher um tema que eu amasse, para que não precisasse sofrer durante esse processo longo e exaustivo que acaba sendo a escrita da monografia. Agradeço a todas as professoras, professores e TAEs que fizeram parte e auxiliaram na conclusão da minha jornada na UFSC como graduanda.

Agradeço à minha família, à minha tia e à minha prima, por sempre me apoiarem e me incentivarem a ser a minha versão mais corajosa e destemida, me ajudando a sair da minha zona de conforto em busca de novas conquistas e aventuras. À minha mãe, que apesar de ter voado (como diria Emily), há catorze anos, é a minha maior motivação para o tema desta pesquisa. Foi com ela que aprendi, aos nove anos, o poder de receber uma carta dedicada, falando sobre o carinho e admiração que alguém sente por você.

Às minhas amigas de ensino fundamental, que apesar de estarem longe, ainda acompanham e comemoram cada vitória, mostrando que o tempo e a distância nunca serão suficientes para nos fazer esquecer as razões que nos mantém conectadas. Às minhas amigas do ensino médio, que acompanharam, e muitas vezes fizeram parte, da minha trajetória acadêmica, tornando cada surto um pouco menos assustador e um pouco mais engraçado, estando presentes em diversos momentos quando tive medo de cair e nunca deixando que algo me impedisse de continuar.

Agradeço às minhas amigas da faculdade, que acompanharam essa fase intensa de novas descobertas e perrengues, tanto universitários, quanto da vida adulta. Elas viram de perto o meu crescimento, não só acadêmico, mas pessoal, e me ajudaram a reconhecer o meu valor e a redescobrir que não há nada de errado em quem eu sou.

Por fim, para que não restem dúvidas sobre a ausência de contemplação nestes agradecimentos: agradeço a todas as pessoas a quem já dediquei uma carta, para que nunca se esquecessem de sua importância na minha vida.

*“To live, and die, and mount again in
triumphant body, and next time, try the upper
air – is no schoolboy's theme!*

*It is a jolly thought to think that we can be
Eternal – when air and earth are full of lives
that are gone – and done – and a conceited
thing indeed, this promised Resurrection!”
(Emily Dickinson)*

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo traduzir 26 cartas escritas pela poeta Emily Dickinson, ainda não traduzidas para o português brasileiro. Esta é uma contribuição importante para as pesquisas em desenvolvimento no Brasil sobre a poeta e suas produções epistolárias, em razão de ainda haver poucos trabalhos com foco nas traduções das correspondências, em comparação com a produção poética de Dickinson amplamente traduzida desde 1945. Em outras palavras, esta monografia consiste em uma tradução comentada de uma pequena seleção de cartas oriundas do terceiro volume de *Letters of Emily Dickinson*, organizado e publicado por Thomas H. Johnson em 1958. Neste livro, encontram-se as epístolas escritas pela poeta nos últimos seis anos de sua vida. A temática escolhida para a definição do escopo a ser trabalhado corresponde às cartas com reflexões e mensagens de Dickinson sobre a morte, o luto e seus processos, bem como a imortalidade, principalmente através da permanência e continuidade da memória de quem partiu nas pessoas que a amavam. Para delimitar o número de cartas a serem traduzidas, foi utilizado o filtro de seleção de cartas em que Dickinson discorre e pondera sobre a morte de sua mãe, em 1882, e a de seu sobrinho Gilbert, em 1883, as duas perdas que mais afetaram tanto seu estado emocional quanto sua saúde. Trata-se de um escopo em que se faz mais presente a sua dor e a força de suas metáforas e comparações, em especial com flores e o voo de pássaros, tão presentes em parte de sua poesia.

Palavras-chave: Emily Dickinson; cartas; tradução comentada.

ABSTRACT

The purpose of this work is to translate 26 letters written by the poet Emily Dickinson, that have not yet been translated into Brazilian portuguese. This represents an important contribution to the research being carried out in Brazil on the poet and her epistolary works, given that there are still few studies focusing on translations of her correspondence, in comparison with Dickinson's poetic works, which have been widely translated since 1945. In other words, this monography consists of commented translation of a small selection of correspondences from the third volume of *Letters of Emily Dickinson*, edited and published by Thomas H. Johnson in 1958. This book contains letters written by the poet during the last six years of her life. The theme chosen to define the scope of this work corresponds to Dickinson's letters expressing her reflections and messages regarding death, mourning and its processes, as well as on immortality, particularly through the permanence and continuity of the memory of the departed in the people who loved them. To reduce the number of letters to be translated, a selection filter was applied to letters in which Dickinson discusses and reflects on the death of her mother, in 1882, and that of her nephew Gilbert, in 1883, the two losses that most deeply affected her, both emotionally and physically. This scope is where her pain and the power of her metaphores and comparisons are most evident, particularly those involving flowers and the flight of birds, which are so present in part of her poetry.

Keywords: Emily Dickinson; letters; annotated translation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Apresentação de trechos da Carta 779 e da Carta 1018 em inglês e português	25
Quadro 2 – Apresentação de trechos da Carta 792 e da Carta 868 em inglês e português	26
Quadro 3 – Apresentação de trecho da Carta 792 em inglês e português	28

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	13
2	SOBRE AS CARTAS, OS ASSUNTOS E OS CORRESPONDENTES	19
3	ENTENDENDO O PROCESSO DE TRADUÇÃO.....	23
3.1	DO PONTO DE VISTA TEÓRICO.....	23
3.2	DAS DIFICULDADES ENCONTRADAS	24
4	AS CARTAS E SUAS RESPECTIVAS TRADUÇÕES.....	30
4.1	CARTA 777.....	30
4.2	CARTA 778.....	32
4.3	CARTA 779.....	33
4.4	CARTA 782.....	35
4.5	CARTA 785.....	37
4.6	CARTA 789.....	40
4.7	CARTA 792.....	41
4.8	CARTA 815.....	42
4.9	CARTA 861.....	45
4.10	CARTA 867.....	45
4.11	CARTA 868.....	46
4.12	CARTA 869.....	48
4.13	CARTA 870.....	48
4.14	CARTA 871.....	49
4.15	CARTA 873.....	51
4.16	CARTA 876.....	53
4.17	CARTA 877.....	54
4.18	CARTA 878.....	55
4.19	CARTA 901.....	55
4.20	CARTA 907.....	57
4.21	CARTA 938.....	58
4.22	CARTA 945.....	59
4.23	CARTA 956.....	61
4.24	CARTA 1018.....	61
4.25	CARTA 1020.....	63
4.26	CARTA 1027.....	64

5	CONCLUSÃO.....	65
	REFERÊNCIAS.....	67

1 INTRODUÇÃO

Apesar de a obra poética de Emily Dickinson estar sendo amplamente traduzida para o português brasileiro nas últimas décadas¹ – admitindo-se ainda ser este um processo demasiado recente –, nota-se uma lacuna quanto às cartas escritas pela poeta. Uma vez que “No Brasil, os primeiros poemas traduzidos para o português bem como as primeiras pesquisas sobre Dickinson datam da década de 1940 e a primeira biografia traduzida e distribuída amplamente em nosso país surgiu em 1965” (Wiechmann, 2015, p. 283), torna-se compreensível que haja apenas poucos trabalhos acadêmicos ou artigos de revistas digitais com material epistolário traduzido. Os dois principais estudos localizados para a presente investigação foram os livros: *Cartas*, contendo uma delimitada seleção, traduzido por Nicole d’Amonville Alegria; e *Cartas de Emily Dickinson: un campo minado*, publicado pela Universidad Nacional Autónoma de México. Ambos foram traduzidos do inglês, entretanto, como é possível perceber, não para o português, mas sim para o espanhol.

Ao mesmo tempo, é possível localizar, em alguns materiais brasileiros (no livro *Esta é minha carta ao mundo: Sobre a tradução da Letter de Emily Dickinson* de Fernanda Mourão e no artigo *A fortuna crítica de Emily Dickinson* de Natália Helena Wiechmann), o reconhecimento da importância do epistolário da autora para a construção de uma imagem mais verossímil de Emily Dickinson: uma mulher que costumava participar dos eventos locais; ia à igreja aos domingos; gostava de cozinhar, principalmente para pessoas próximas; e era bastante sociável. Essas informações ajudaram a descartar a imagem até então predominante por trás da alcunha de “mito de Amherst”, resultado de sua reclusão voluntária por volta dos trinta anos de idade e de sua decisão de utilizar apenas vestes brancas após a morte de seu pai em 1874. Da mesma maneira, suas correspondências também contribuíram para a compreensão e estudo de sua poesia. É por meio desse trabalho arquivístico e editorial que se pode datar e estipular uma cronologia para suas produções, visto que a maioria não possui a data da escrita, muito menos título – omissões comuns na poesia dickinsoniana. Além disto, suas cartas auxiliaram na descoberta da data de início da confecção de seus fascículos – livretos costurados à mão, descobertos apenas após a sua morte –, podendo ser compreendidos como a maneira encontrada pela poeta para editar e arquivar seus poemas (Fernandes, 2021).

¹Dentre as traduções da obra poética de Dickinson publicadas no Brasil, pode se destacar as de Manuel Bandeira (1945), Ivo Bender (2007), Augusto de Campos (2016), Isa Mara Lando (2019), Laura de Oliveira Lima (2022) e Juliana Costa (2024).

Ademais, cabe reconhecer a importância das cartas para a reflexão, análise e teorização sobre os acontecimentos, relações e marcos pessoais de Dickinson, já que esse material ajuda a compreender as inspirações por trás de vários de seus trabalhos, mostrando como foram criados, desenvolvidos e transformados ao longo do tempo. Junto a tais aspectos, há o fato de que o principal veículo de trânsito para a sua poesia era, justamente, o envio de cartas ao seu círculo íntimo e restrito de amizades. Isso pode ter ocorrido, de um lado, em virtude do fato de Emily Dickinson ter sido uma pessoa bastante privada, e, de outro, como uma consequência da troca de correspondências entre ela e Thomas Wentworth Higginson², mentor dos jovens escritores da época e amigo próximo da poeta, a quem ela enviou diversos de seus poemas solicitando opiniões e comentários críticos. Entretanto, em uma dessas ocasiões, Higginson considerou a sua produção estranha e tecnicamente defeituosa, fazendo com que Emily Dickinson então desistisse de publicar seus poemas ao perceber que seus versos – cheios de travessões, letras iniciais maiúsculas em palavras no meio de versos e métrica irregular – precisariam ser profundamente mutilados para serem publicados. Mesmo assim, ainda em vida, alguns de seus poemas chegaram a ser publicados, sem seu consentimento, em jornais de Amherst por amigos próximos (Wiechmann, 2013).

Qualquer pessoa que tenha a oportunidade de entrar em contato com os poemas de Emily Dickinson poderá rapidamente enumerar algumas de suas temáticas mais recorrentes, como a natureza, as flores, a fama (ou a aversão a ela), Deus, a solidão e a morte. Não por acaso, alguns de seus poemas mais famosos são justamente “I’m Nobody! Who are you?”³, “I died for Beauty – but was scarce”⁴ e “Because I could not stop for Death”⁵.

Analisar e compreender como a poeta construía suas rimas e o ritmo de cada verso, ou como ela se utilizava dos travessões para marcar suas mensagens, entre outras características, sempre foi alvo de grande interesse para os pesquisadores. Certos assuntos, como a mortalidade do ser – uma das únicas certezas da condição humana –, atingem a todos, mas a percepção e a aceitação (ou negação) de tal destino, por ser algo tão abstrato quanto concreto, são aspectos que tocam cada pessoa em particular. A subjetividade e o sistema social que se articulam por

² “Thomas Wentworth Higginson, coeditor das duas primeiras coleções dos poemas de Emily Dickinson, foi um homem de variados talentos e conquistas surpreendentes. Um radicalista sua vida inteira, ele era abertamente abolicionista, defensor do direito das mulheres, e fundador da Sociedade Socialista Intercollegiate. Durante a Guerra Civil, ele serviu como comandante do primeiro regimento da União, composto por afro-americanos libertos. Um ministro Unitarista ordenado, Higginson foi também um escritor prolífico; seu trabalho mais altamente conceituado foi um livro de memórias sobre seus anos de guerra, *Army Life in a Black Regiment*.” (Emily Dickinson Museum, [s.d.], tradução nossa).

³ “Eu sou Ninguém! Quem é você?”.

⁴ “Eu morri pela Beleza – mas mal estava”.

⁵ “Porque eu não pude parar para Morte”.

trás da forma como cada pessoa lida com a sua própria morte, a de outra pessoa ou o luto por um ente querido, abre um vasto universo de possibilidades de expressão literária, musical, plástica, teatral, entre outras. As emoções e sentimentos sempre foram uma das ferramentas mais fortes e avassaladoras utilizadas nas manifestações artísticas, seja para quem as produz, seja para quem as recebe.

Desta forma, a tradução comentada das cartas permitiria descobrir um pouco sobre como a vida pessoal e os laços sociais de Emily Dickinson impactaram a sua poesia e as diferentes fases pelas quais esta passou. A tradução permitiria, em particular, compreender a temporalidade específica de temas como a morte, a imortalidade e a marca deixada por uma pessoa querida que faleceu. Ou seja, este trabalho permite abrir um caminho para novas reflexões e teorias sobre a extensa obra poética e epistolar da autora, bem como contribui na compreensão de quem pode ter sido Emily Dickinson, em um sentido mais profundo, enquanto amiga, irmã, pessoa e artista. Nas palavras de João Moura Fernandes:

Sua arte de escrever cartas é atravessada pela propensão desviante em relação às formas e aos gêneros literários: se, em poesia, ela tensionou, modernizou e enriqueceu alguns dos aspectos mais básicos do sistema literário anglófono, notadamente o sistema rímico e rítmico, na epistolografia ela fundou um reino todo seu (Fernandes, 2021).

O objetivo desta monografia é, portanto, apresentar traduções de uma compilação de cartas da poeta para o português brasileiro, acompanhadas de comentários sobre o processo de tradução, bem como de breves análises e apontamentos sobre o conteúdo. Assim, as notas acerca da tradução visam explicar os métodos aplicados, já os demais comentários fornecem informações que vinculam as epístolas umas às outras, seja por assunto, semelhança de metáforas ou pela percepção pessoal de Dickinson sobre a morte, a imortalidade e o processo de luto.

O acesso a esses textos originais foi viabilizado devido ao resgate dos manuscritos da autora, iniciado por Thomas H. Johnson⁶. Ele conseguiu acesso aos manuscritos da poeta para a confecção de sua pesquisa e, com isso, surgiram os primeiros volumes com as características formais da poesia dickinsoniana preservadas (Wiechmann, 2013, p. 49). Depois de Johnson, houve também Ralph W. Franklin que, seguindo a mesma corrente, publicou os trabalhos da poeta a partir dos originais.

⁶ “Thomas H. Johnson foi presidente do departamento de inglês da Lawrenceville School, em Lawrenceville, New Jersey. [...] Ele também publicou a primeira edição definitiva das obras de Emily Dickinson (1930-1996) em seis volumes. Em 1995 ele publicou *Emily Dickinson: An Interpretative Biography*. Antes do trabalho do Dr. Johnson, nenhuma edição precisa ou completa das obras desta importante poeta americana existia.” (American Heritage, [s.d.], tradução nossa).

Dessa maneira, o presente estudo teve como base justamente os três volumes organizados e publicados por Thomas H. Johnson em 1958, que reúnem todas as cartas produzidas por Emily Dickinson que chegaram ao conhecimento do público. Embora se reconheça que poderia ser desenvolvido um estudo mais profundo e complexo sobre o tema, abarcando toda a obra epistolar de Dickinson, optou-se por um recorte mais específico, elegendo-se como material de estudo apenas o terceiro volume de cartas publicado por Johnson.

Essa escolha se mostrou a mais adequada e proveitosa para o objetivo do trabalho, pois o volume III não somente contempla os últimos seis anos de vida da poeta (1880 a 1886), como também abrange duas das perdas que mais a afetaram: a de sua mãe, em novembro de 1882, e a de seu sobrinho Gilbert, em outubro de 1883. Desde o início do livro, é possível observar o cuidado e a atenção com que Dickinson escrevia na busca por consolar seus amigos e conhecidos em momentos de luto por algum ente querido, muitas vezes relembrando momentos que tivera com o finado, ou as palavras que ouvira de outros sobre ele.

Entretanto, foi na leitura das cartas escritas a partir de novembro de 1882 que a escolha do tema desta monografia se consolidou. Com trechos como “The dear Mother that could not walk, has *flown*. It never occurred to us that though she had not Limbs, she had *Wings* – and she soared from us unexpectedly as a summoned Bird [...]”⁷ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 746-747), em que se vê, não somente seu grande interesse por pássaros (um elemento recorrente em suas obras poéticas e epistolares), mas também como ela não concebia a morte como um fim, e sim como uma passagem, uma transformação.

Outra grande motivação para a escolha do tema é a explícita dor ocasionada pela morte prematura do jovem Thomas Gilbert, sobrinho de Dickinson. Esse sentimento se manifesta de diversas maneiras na vida da poeta. De um lado, cabe destacar o “tom elegíaco” – como Johnson o caracteriza na apresentação das cartas do período de 1884 a 1886 – que as epístolas dela assumem após o falecimento. De outro, chama a atenção o “ataque de nervos” que ela sofre no início de 1884, claramente ligado também a essa perda. Outra manifestação desse luto, corresponde à recorrência do assunto em diversas das epístolas, além das cartas que passaram a ser enviadas anualmente a Kendall Emerson, amigo de Gilbert, como Dickinson se refere a ele. Essa correspondência ocorria na época do Natal, seja para dizer que ainda pensa nele, ou para evocar a memória de Gilbert através de pedidos ao Papai Noel. Tais gestos demonstram como Dickinson possuía muito carinho pelas pessoas que foram importantes para aqueles que

⁷ “A mãe querida que não podia andar, *voou*. Nunca nos ocorreu que apesar de ela não ter Membros, ela tinha *Asas* – e ela voou alto de nós inesperadamente como um Pássaro convocado [...]” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 746-747, tradução nossa).

ela amava, estando vivas ou não. Assim sendo, foram selecionadas vinte e seis correspondências envolvendo essas duas perdas familiares para a tradução, dada a sua evidente importância e impacto.

Para além de compreender quais cartas foram selecionadas, seus assuntos e suas traduções, é também importante entender alguns dos porquês do processo tradutório. Assim sendo, a presente monografia não apresenta apenas a tradução das cartas e uma breve análise de cada uma delas, mas propõe-se a comentar as escolhas feitas e seus motivos. Este é um movimento indispensável, uma vez que a tradução constitui um trabalho que, através de um texto, constrói um caminho para que diferentes sistemas linguísticos, culturas e contextos históricos encontrem-se, de alguma maneira, no meio, e assim seja possível reconfigurar informações, perspectivas e mensagens em novos lugares, alcançando novos públicos.

Por essa razão, o que torna essa ação indispensável, para além do trabalho de encontrar um ponto em comum entre sistemas linguísticos e culturais diferentes, é o fato de que este processo perpassa pela interpretação e visão de mundo de quem traduz. Então, inevitavelmente, haverá o investimento subjetivo do tradutor no texto traduzido. Portanto, a tradução comentada auxilia a compreender como essa ação ocorreu e de que maneiras ela transformou o texto na passagem da língua de partida para a língua de chegada, servindo como uma espécie de histórico desse percurso.

Em outras palavras, “[...] o comentário explica e teoriza de forma clara e explícita o processo de tradução, os modelos de tradução e as escolhas e decisões feitas pelos tradutores. [...]” (Torres, 2017, p. 15). Este comentário de Torres sumariza a razão primordial para a decisão de se utilizar tal procedimento. Neste mesmo texto, a autora reafirma o ponto defendido nesta pesquisa ao dizer que para traduzir é preciso comentar. Como, para isso, faz-se necessária a leitura e a interpretação do que foi lido, estabelece-se uma relação indissociável entre esses três elementos: a leitura, a tradução e o comentário. Logicamente, um processo não pode ocorrer sem os outros. Ao final, a autora conclui que:

“[...] não existe comentário sem leitura, e como há uma multiplicidade de leitura possível, uma polissemia inerente a todo texto, posso afirmar que não existe um só comentário possível/existente. Tradução e comentário são, portanto, críticos.” (Torres, 2017, p. 17).

Essa fundamentação teórica ganha sentido neste contexto ao notar que a escrita de Emily Dickinson, mesmo fora de seus poemas, é por vezes bastante subjetiva. A autora mantém diversas de suas características poéticas em sua obra epistolar: além do uso de aspectos formais de seu estilo, como o travessão e letras maiúsculas em palavras contidas no meio do texto,

destaca-se principalmente o emprego de algumas rimas e metáforas – comuns em sua poesia – para construir mensagens que representam figurativamente seu estado de espírito.

Assim sendo, ao considerar que, para o entendimento do material estudado, foram necessárias leituras múltiplas, materiais de apoio e a leitura de todas as cartas, em ordem cronológica, reitera-se a importância da presença de comentários acerca das escolhas tradutórias. Portanto este trabalho apresenta traduções de um material ainda não explorado em português brasileiro, assim como também apresenta um histórico das escolhas tomadas, abrindo espaço para discussões acerca de quais aspectos, baseados em suas justificativas comentadas, funcionaram bem e quais poderiam ser mudados em uma nova tradução.

Como último motivo, por se tratar de uma pequena seleção, de um material já considerado fragmentado, os comentários acerca da tradução e do conteúdo das cartas apresentam-se ao leitor como uma ferramenta de assistência para a compreensão dos acontecimentos aos quais a autora faz referência – muitas vezes de maneira implícita. Isso ocorre porque o destinatário da mensagem já estava ciente do assunto tratado, seja devido a correspondências anteriores ou a encontros pessoais. Assim sendo, é a partir do reconhecimento de todos esses fatores que surge a inspiração e motivação para a presente monografia.

2 SOBRE AS CARTAS, OS ASSUNTOS E OS CORRESPONDENTES

O volume estudado neste trabalho apresenta por volta de 422 cartas de um acervo que conta com mais de mil cartas produzidas (Dickinson; Johnson, 1958). Os comentários que acompanham a maioria delas, escritos por Johnson, permitiram compreender a que acontecimentos a poeta estava se referindo em cada uma de suas epístolas. Diante de um acervo tão vasto, não surpreende que Emily Dickinson houvesse uma grande diversidade de correspondentes. Todavia, reconhece-se a presença de um círculo íntimo de pessoas com quem a poeta trocava correspondências com mais frequência. Entre os anos 1880 e 1886, os nomes que mais se destacam nesse grupo são os de suas primas, Louise e Frances Norcross; sua cunhada e amiga, Susan G. Dickinson; sua melhor amiga e confidente, Elizabeth Holland (referida nas cartas como Sra. J. G. Holland); suas amigas Sra. J. Howard Sweetser, Sra. Henry Hills e Maria Whitney; Thomas W. Higginson, que além de amigo, foi seu preceptor; e o Juiz Otis P. Lord, não somente amigo, mas apontado pelo conteúdo de algumas das cartas e por comentários de Johnson como possivelmente o último interesse romântico da poeta.

É interessante destacar este grupo mais seletivo de remetentes, pois foi com alguns deles que Dickinson se abriu mais profundamente sobre os pensamentos e sentimentos que a afligiam no período em que lidava com a morte de sua mãe e de seu sobrinho. Na seção que expõe as 26 cartas selecionadas e suas respectivas traduções, alguns destes nomes não estarão presentes, pois só foram selecionadas as epístolas que apresentavam alguma relação com os temas de morte, imortalidade e luto, envolvendo o falecimento da Sra. Dickinson e o de Gilbert Dickinson. Entretanto, estes nomes, apesar de não serem abarcados no escopo desta pesquisa, devem ser brevemente mencionados neste trabalho, a fim de reconhecer sua aparente importância na vida da poeta, dado o enorme volume de correspondências a eles destinadas no livro em questão. Observa-se, em específico, um número considerável de correspondências em que Dickinson as consolava por suas perdas familiares, empregando metáforas e comparações que são encontradas em algumas das cartas selecionadas para esta pesquisa. Assim, esses outros materiais se mostram valiosos para estudos que busquem abranger todas as cartas em que a poeta fala sobre luto para, a partir deste compilado, compreender melhor as reflexões e metáforas mais predominantes e se esses elementos apresentam alguma relação com características mais específicas dos falecidos aos quais fazem alusão.

Um exemplo de repetição de metáfora em outros casos de luto é uma carta enviada a Thomas W. Higginson, em 1882, consolando-o acerca da morte de sua filha ainda bebê. Nesta carta, alguns dos temas trabalhados nesta pesquisa aparecem, como nos trechos: “[...] Essas

intimidades repentinas com a Imortalidade, são extensas – não a Paz – que como um Raio aos nossos pés, evoca uma Paisagem desconhecida.” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 661, tradução nossa). Nessa passagem, é possível observar a noção de imortalidade, como algo conquistado e regozijado apenas no pós-vida; entretanto, as pessoas próximas daquelas que dão esse passo – ou seja, que faleceram –, enfrentam esse encontro repentino de outra maneira, como um visitante doloroso. Outra metáfora que, assim como mencionado, aparece nesta carta e se repetirá em outras mensagens presentes no escopo deste trabalho, é a ideia presente no trecho “[...] A rota da sua pequena Fugitiva deve ser um questionamento tenro – [...]” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 661, tradução nossa). Esta referência ao indivíduo que faleceu como alguém que fugiu, reaparecerá duas vezes para se referir a Gilbert, por meio de termos similares, como “Ele fugiu da Terra –” na Carta 870 e “Quem assim trajou sua Fuga” na Carta 938.

A epístola que inaugura este trabalho é uma carta enviada a Maria Whitney, no dia 14 de novembro de 1882 – o exato dia do falecimento da mãe de Emily –, composta apenas por poucas linhas informando-a brevemente sobre este acontecimento. Whitney foi uma professora de francês e alemão na Smith College, a quem Emily enviou por volta de dezessete cartas, sendo duas delas sobre a morte de sua mãe: a Carta 777, a mencionada acima, e a Carta 815. De acordo com Johnson (Dickinson; Johnson, 1958, p. 595), no comentário que sucede a primeira carta enviada à professora, apresentada no segundo volume de cartas, as duas se conheceram por volta de 1877, possivelmente, por meio de um casal de amigos, os Bowles, ou talvez por seu irmão, Austin Dickinson.

Entre as outras pessoas com quem a poeta mais desabafa sobre esses pensamentos e sentimentos de luto, por também ter sofrido perdas recentes, está Elizabeth Holland, uma senhora mais velha que Dickinson conheceu em 1853, quando a vida social da poeta estava passando por muitas mudanças. Consta na breve biografia da Sra. J. G. Holland, disponível no *site* oficial do Museu de Emily Dickinson (Emily Dickinson Museum, [s.d.]), que aos Hollands foram enviadas mais de noventa cartas escritas por Dickinson, a maioria revelando detalhes da vida cotidiana que se costuma compartilhar apenas com parentes próximos. Consequentemente, não surpreende que, a partir de uma carta enviada pela poeta em 1859, ela passa a se referir à Holland, majoritariamente, por “irmã”.

Outra presença que ocupou um lugar muito importante na vida de Emily Dickinson foi Susan Huntington Gilbert Dickinson. Ela não foi somente sua cunhada e vizinha, mas uma amiga tão íntima que, para além de diversas conversas intelectuais sobre interesses literários, converteu-se propriamente na maior conhecedora da poesia de Dickinson em vida. Recebeu

mais de 250 poemas e, inclusive, sendo também uma escritora, ofereceu comentários e críticas construtivas sobre as primeiras versões de “Safe in their Alabaster Chambers”, respondidos por Emily com o envio de versos adaptados a partir de tais contribuições. Não obstante, foi Susan quem escreveu o obituário de Emily, publicado no Springfield Republican, no dia 18 de maio de 1886 (Emily Dickinson Museum, [s.d.]c).

Certas informações contextuais, tais como as apresentadas até este ponto, são elementares quando se lê correspondências com a intenção de traduzi-las. Afinal, a carta, além de ser um gênero textual, é também um meio de comunicação. Assim sendo, por vezes, traz um conteúdo que não necessariamente apresentará o começo, meio e fim do assunto, podendo omitir a explicação, parcial ou completa, para o que está sendo apresentado, perguntado, afirmado ou negado. Portanto, para se construir uma compreensão substancial do material epistolar que será traduzido, é imperativo ter informações do contexto e do destinatário. Para conseguir organizar e identificar informações-chave para uma tradução bem embasada, um método plausível é o emprego de perguntas pertinentes aos elementos do gênero e do conteúdo que se está traduzindo. Indaga-se, por exemplo: O que está sendo dito? Por que está sendo dito? Por que ela escreve desta maneira com esse remetente e não com outro? Por que isso é importante para ela? O que a data representa? Como isso complementa outras cartas que abordam o mesmo assunto ou foram endereçadas ao mesmo remetente?

Por meio desses questionamentos foi possível, por exemplo, descobrir o contexto que precede o envio das cinco cartas consecutivas a Susan em outubro de 1883. As respostas levaram à reconstrução dos acontecimentos desse período, como a febre tifoide que Gilbert – de oito anos, filho mais novo de Susan – havia contraído no começo de outubro, após brincar com alguns amigos na lama, o que o levou ao óbito pouco tempo depois, no dia 5 de outubro de 1883. Essas informações por si só já são relevantes, mas ganham um novo destaque quando suscitam novas hipóteses para responder ao porquê da escolha da poeta em enviar *letter poems* para consolar sua melhor amiga e cunhada, que havia acabado de perder o filho. Esse gesto, afinal, fugia das maneiras mais comuns e usuais – conforme observadas neste volume de cartas como um todo – que ela costumava escolher para confortar conhecidos em situações de luto.

Esse fenômeno é muito relevante, pois mostra que, nesse primeiro momento de confronto com a perda – não só dela, por ser seu sobrinho mais novo e mais amado, como também de sua amiga mais próxima –, seu instinto é o de voltar aos versos, que até aquele momento estavam menos presentes em suas cartas, principalmente desde a morte de sua mãe. Uma possível hipótese para isso resulta da suposição de que, impactada de tal maneira por uma perda tão repentina e próxima de outra ainda recente (a de sua mãe), esta era a única maneira

que Dickinson conseguia encontrar naquele momento para confortar a si e a Susan. Uma hipótese plausível de se agregar a esta é que Emily Dickinson poderia ter presumido que seus versos seriam capazes de oferecer algum conforto ou algo parecido, melhor do que qualquer outro texto poderia. Este argumento se torna razoável ao fundamentá-lo a partir da informação, apresentada anteriormente, de Susan Dickinson ter sido a maior conhecedora da poesia dickinsoniana em vida. Uma terceira hipótese para explicar o porquê de cartas tão curtas pode ser apresentada ao considerar o que a própria poeta comenta em cartas posteriores sobre o seu emocional e sua saúde estarem tão debilitados – resultado do luto e de uma prostração nervosa, como ela explica em sua carta à Sra. J. G. Holland ao final de 1883 –, o que acabou por afetar a sua comunicação. Como ela declara, “Eu hesito em qual palavra escolher, já que eu consigo escolher apenas algumas e cada uma deve ser a mais importante [...]” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 802-803, tradução nossa).

Por último, uma outra figura que vale ser mencionada é o amigo de Gilbert, Kendall Emerson, com quem ele brincara no dia em que ficou doente. De 1883 a 1885, no mês de dezembro, próximo ao Natal, Emily Dickinson enviou uma carta por ano para lembrá-lo do carinho que ela ainda possuía por ele e para manter alguma forma de contato. A escritora também parece utilizar esse momento para compartilhar, com alguém que talvez também entendesse os seus sentimentos, o quanto ela sentia saudades de seu sobrinho. Nota-se o tom melancólico que alguns de seus trechos apresentam, como ocorre na carta 876, “Será o Paraíso um Estrada desconhecida?” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 853, tradução nossa), e na carta 956, a última enviada a Emerson.

3 ENTENDENDO O PROCESSO DE TRADUÇÃO

3.1 DO PONTO DE VISTA TEÓRICO

Este trabalho foi guiado, em certa medida, pelo princípio de manutenção da epistolografia de Dickinson, tomando-se como base o conceito de “letra” da autora, como conceitua Berman (2013) em seu livro *A Tradução e a Letra, ou o Albergue do Longínquo*. Foram evitadas, tanto quanto possível, as tendências (ou forças) deformadoras, evocadas pelo autor em sua obra e que, de acordo com ele, operam em toda tradução. Dessa forma, foi desenvolvido um trabalho buscando evitar excessos, por exemplo, de clarificação, apesar de ser “[...] inerente a qualquer tradução, na medida em que *todo* ato de traduzir é explicitante” (Berman, 2013, p. 71). Ou seja, evitou-se revelar elementos ocultos ou reprimidos no texto fonte, preservando, na medida do possível, as passagens das cartas que não possuíam uma só interpretação, ou entendimento claro já na primeira leitura.

Em outras palavras, o processo tradutório empenhou-se em manter os aspectos textuais e linguísticos que caracterizam e criam a particularidade e autenticidade da escrita e narrativa de Emily Dickinson. Assim, evitaram-se modificações que descaracterizassem o texto em razão de hipersimplificar a escrita para torná-la “mais fácil” de ser compreendida, mas sem inviabilizar a compreensão de suas mensagens. Buscou-se, assim, a manutenção da profunda subjetividade, a utilização de múltiplas metáforas consecutivas e os pensamentos distintos justapostos, que são aspectos inerentes a várias cartas da poeta. Além disso, atentou-se, ao longo do processo, para o fato de Dickinson, por diversas vezes, brincar com os limites entre o que é considerado uma carta ou um poema, resultando em algumas produções conhecidas por seus estudiosos e admiradores como *letter poems*.

Todavia, esta monografia também toma como entendimento basilar a ideia de que a utilização de uma teoria não anda à frente ou atrás do próprio processo de tradução, mas sim lado a lado. Pois, assim como conceitua Pinilla (2019), a importância de saber sobre teoria advém da necessidade de saber explicar as escolhas na construção de uma tradução, tanto para compreender melhor o processo e entender por que se traduz, como também para ampliar a percepção do ato de traduzir e os diferentes ângulos que podem ser abordados. Pinilla (2019) salienta também, em seu texto, que teoria em excesso também pode ser prejudicial, pois pode travar ou atrasar o trabalho do tradutor ao levantar reflexões ou dúvidas simples de serem resolvidas. Por essa razão, admite-se a importância da teoria para proporcionar uma liberdade e segurança maior ao tradutor para tomar suas próprias decisões, além de ajudar no manejo das ferramentas de seu trabalho. Tudo isso proporciona uma melhora em “[...] suas competências e

habilidades para potencializar, ao máximo, a comunicação, objetivo final de seu trabalho; em suma, que cumpra com o princípio do bom fazer profissional do qual, sem dúvida, a teoria faz parte.” (Pinilla, 2019, p. 616).

Por último, reitera-se o argumento de Bassnett (2020, p. 461) ao afirmar que: “Quando eu traduzo, eu leio o texto... então, leio e releio o texto, e então, o escrevo em minha língua, em minhas palavras: eu escrevo minha leitura e a leitura reescreve minha escrita”. Sob essa ótica, a realização das traduções nesta monografia considerou a subjetividade inerente a esse ato, no qual o tradutor atua simultaneamente como leitor e escritor. Ou seja, reconhece-se o fato de que, em alguma medida, a tradução realizada será afetada pela interpretação pessoal do tradutor e sua posição política no mundo. Essa interferência subjetiva não deve, no entanto, sobrepor-se à voz do autor, mas ainda assim é inevitável deixar uma marca. Pois o processo de tradução torna, em certa medida, o texto produzido como pertencente tanto a quem o traduz, quanto a quem produziu o texto-fonte.

Seguindo esta linha de raciocínio, torna-se imperativo, ao final, aceitar, assim como afirma Bassnett (2020), que o tradutor não é um filtro transparente pelo qual passa o texto-fonte, mas sim uma fonte potente de energia transacional. Desta maneira, deve-se reconhecer a importância de o tradutor deixar a sua marca para promover a valorização de seu trabalho, lutando contra os estigmas de “infidelidade” para com o texto-fonte e mostrando que neste processo não há traição, mas sim enriquecimento.

3.2 DAS DIFICULDADES ENCONTRADAS

O processo de tradução das cartas, inicialmente, ainda no período de leitura do volume escolhido para extrair a seleção final, mostrou-se desafiador devido à linguagem típica do século XIX e ao estilo dickinsoniano – já identificado anteriormente como composto de profunda subjetividade, utilização de múltiplas metáforas consecutivas e pensamentos distintos justapostos. Todavia, com diversas releituras, auxílio dos comentários de Johnson ao final de cada correspondência e suporte de outras leituras sobre a poeta e suas produções, o desenvolvimento das traduções se deu de maneira mais dinâmica, fluida e menos extenuante. Isso ocorreu pois o processo sustentou-se em diversos materiais de consulta sobre o contexto das cartas, os correspondentes e sobre aspectos estilísticos adotados pela autora.

No fim do trabalho, o saldo não foi somente de uma fração de traduções para o português brasileiro e da ampliação de vocabulário, mas também de uma maior compreensão sobre como Emily Dickinson sentiu as perdas em sua vida, como isso modificou a sua visão de

mundo e como ela confidenciava isso às pessoas mais próximas. A investigação também forneceu uma perspectiva mais profunda acerca do que parecia fazer suas habilidades poéticas voltarem a florescer ao final de sua vida, resultando na presença de poemas em diversas cartas ou de versos poéticos entrelaçados na prosa epistolar. Essas produções tornam-se, então, *letter poems*, estruturas que desafiam as regras impostas aos gêneros textuais poesia e carta, ou nas palavras de Mourão (2009, p. 138):

“[...] a natureza de sua escrita chega a impossibilitar a distinção de gêneros – “gênero não me pega”, diria talvez, antecipando Clarice. Em muitas cartas, [...], por vezes temos dúvida sobre onde termina a carta e onde começa o poema – ou mesmo se toda a carta não é um grande poema, assim como seus poemas seriam uma grande carta.”.

Ainda assim, houve algumas situações que demandaram mais tempo de reflexão e estudo de caso para produzir uma tradução satisfatória. Dentre as que mais chamaram a atenção, identificaram-se dois casos em que o verbo *close(d)*, apresentou um significado não muito comum, sendo empregado como um eufemismo para se referir ao ato de morrer. Esse verbo apareceu em cinco cartas diferentes, entretanto, como dito, em dois contextos (Carta 779 e Carta 1018) não se encaixava no termo mais usual de tradução, nem com o verbo fechar, nem com o advérbio perto/próximo. No Quadro 1, estão apresentados os dois trechos em que o sentido da palavra divergiu e a respectiva escolha utilizada para tradução.

Quadro 1 – Apresentação de trechos da Carta 779 e da Carta 1018 em inglês e português

Carta	Inglês	Português
779	After a restless Night, complaining of great weariness, she was lifted earlier than usual from her Bed to her Chair, when a few quick breaths and a “Dont leave me, Vinnie” and her sweet being <u>closed</u> –	Após uma Noite agitada, queixando-se de grande cansaço, ela foi levantada mais cedo que o habitual de sua Cama para a sua Cadeira, quando após algumas poucas respirações rápidas e um “Não me deixe, Vinnie” e seu doce ser <u>se esvaiu</u> –
1018	Should she know any circumstances of her life’s <u>close</u> , would she perhaps lend it to you, that you might lend it to me? Oh had that Keats a Severn!	Se ela soubesse de alguma circunstância sobre <u>o fim</u> de sua vida, será que ela talvez emprestaria ao senhor, para que o senhor a emprestasse para mim? Ó se esse Keats tivesse um Severn!

Fonte: elaborado pela autora

A primeira rota de ação para tentar solucionar o problema encontrado na Carta 779 foi uma pesquisa com a intenção de descobrir os possíveis contextos de uso do termo *close(d)* no século XIX que caíram em desuso nos últimos séculos. Como essa busca não apresentou nenhuma solução, a segunda rota foi conferir se havia ocorrência similar em alguma outra carta selecionada, o que resultou na identificação de uma situação análoga na Carta 1018. Ao comparar os trechos, ficou mais claro que a intenção da autora era utilizar um eufemismo para se referir a morte. Isso facilitou a escolha de “se esvaiu” na primeira ocorrência, fornecendo um encaixe melhor com “poucas respirações rápidas” e uma ligação direta com a ação realizada pelo espírito – cenário que segue a crença de partir de seu corpo material apresentada por Dickinson em diversas cartas.

Dentre outros obstáculos lexicais, houve muitos casos de indecisão entre algumas variáveis possíveis de serem utilizadas. Para a solução dessas situações, o método empregado foi a releitura das cartas selecionadas em busca de reconhecer o padrão estilístico mais adotado pela poeta. Os impasses mais complexos de se resolver envolveram termos que, em inglês, consistiam em uma palavra, mas se dividiam em duas no português, seja por adaptação ao léxico ou à ortografia da língua de chegada, ou por necessidade semântica. Essas situações se tornaram um impasse por evocarem a necessidade do emprego de duas palavras para contemplar, de maneira mais integral, o significado e a intenção da palavra única utilizada no texto-fonte. Isso abriria brecha para possíveis ocorrências de excesso de clarificação ou hipersimplificação, como explicado anteriormente; ou seja, corria-se o risco de transformar o que antes Dickinson pretendia ser uma mensagem polissêmica em uma tradução monossêmica.

Dito isso, no **Quadro 2** encontram-se as situações que mais se destacaram durante o processo e as soluções adotadas.

Quadro 2 – Apresentação de trechos da Carta 792 e da Carta 868 em inglês e português

Carta	Inglês	Português
792	When we were Children and she journeyed, she always brought us something. Now, would she bring us but herself, what an only Gift – Memory is a strange Bell – Jubilee, and <u>Knell</u> .	Quando éramos Crianças e ela viajava, ela sempre nos trazia algo. Agora, se ela nos trouxesse apenas a si mesma, que Presente único seria – Memória é um estranho Sino – Jubileu, e <u>Dobre Fúnebre</u> .
868	No crescent was this Creature – He traveled from the <u>Full</u> – Such soar, but never set –	Não era crescente, essa Criatura – Ela viajou desde a <u>Lua Cheia</u> –

	I see him in the Star, and meet his sweet velocity in everything that flies –	Assim voava, mas nunca se punha – Eu o vejo na Estrela, e encontro sua doce velocidade em tudo o que voa –
--	---	--

Fonte: elaborado pela autora

No caso da Carta 792, o trecho em questão parece refletir, e talvez até ironizar, por meio da comparação metafórica sobre os diversos significados do badalar de sinos e a dualidade da memória – ou melhor dizendo, sobre os sentimentos, tanto positivos quanto negativos, que ela pode evocar. Para construir essa comparação, a autora emprega o termo em inglês *knell*, que, de acordo com o *Cambridge Dictionary* – utilizado como fonte primária de busca por definições e traduções –, refere-se ao “som de um sino dando o aviso de uma morte ou funeral” (tradução nossa). Entretanto, a tradução oferecida por esse dicionário, “dobre”, não evocava tão claramente a referência a uma tradição fúnebre; já o termo “Jubileu” possui o significado claro de celebração de um evento ou aniversário especial, que também podem ser anunciados por um sino. Observou-se, então, como na carta de Dickinson os termos foram escolhidos com a intenção clara de construir a metáfora. Como as figuras selecionadas possuem significados bastante específicos, para tentar transmitir a mensagem da poeta de uma maneira similar, reconheceu-se a necessidade de utilizar duas palavras para cumprir uma função semelhante à de *knell*.

Por essa razão, foram consultadas outras fontes, como o dicionário *Michaelis virtual*, que forneceu a opção “dobre fúnebre”, e o site *WordReference.com*, que ofereceu “badalar”. Mesmo com a expansão de opções, havia um fator percebido na leitura em voz alta deste trecho, o da rima *Bell – Knell*, que aprofundava a diferença entre os possíveis efeitos do texto, dependendo da tradução. Neste ponto, a escolha final ficou entre “Dobre Fúnebre”, mantendo as traduções mais aceitas e a clareza da comparação, e “Fúnebre Tinido”, como tentativa de conservar alguma aproximação sonora, preservando a clareza da comparação, mas utilizando uma tradução menos comum para se referir ao barulho de um sino. Por fim, a decisão tomada foi pelo emprego da primeira opção, focando em transmitir mais claramente a intenção e força da metáfora, aceitando que não foi possível encontrar substituições que permitissem uma manutenção mais nítida da rima.

Na Carta 868, o motivo para a divisão do termo “Full” para “Lua Cheia” também se deu por razões semânticas. Enquanto a palavra *crescent* é majoritariamente utilizada para se referir à fase da lua crescente em inglês, guiando mais facilmente a interpretação do leitor, no

português, os significados mais comuns são “que cresce; que vai crescendo; gradativo, gradual, paulatino” (Crescente, [s.d.]), que não possuem uma ligação direta com a fase da lua. Desta maneira, “Lua Cheia” se mostrou a melhor seleção para compensar a possível ausência da conexão direta entre termo e interpretação.

Por fim, a situação mais desafiadora, dentre todas as mencionadas, foi com a seleção de tradução para “helpless of an accent”, situada na Carta 792, o que configurou esta epístola como a mais demorada e cansativa de ser traduzida. No Quadro 3 abaixo, pode ser consultado o trecho em que a expressão aparece e a solução tomada.

Quadro 3 – Apresentação de trecho da Carta 792 em inglês e português

Carta	Inglês	Português
792	I have thought of you with confiding Love, but to speak seemed taken from me – Blow has followed blow, till the wondering terror of the Mind clutches what is left, <u>helpless of an accent</u> –	Eu tenho pensado na senhora com Amor confidente, mas poder falar, parecia ter sido tirado de mim – Um Golpe seguiu-se a outro, até o assombroso terror da Mente agarrar o que restou, <u>impotente até mesmo um sotaque</u> –

Fonte: elaborado pela autora

Neste último caso, a maior dificuldade foi compreender o sentido que o trecho sublinhado em inglês emprega na construção da metáfora, que busca expressar como a tristeza profunda da perda impossibilitava a poeta até mesmo de conseguir falar. A dúvida residia, principalmente, em entender a relação entre *helpless* e *accent*, em específico, descobrir como a função do adjetivo *helpless* agia sobre o substantivo *accent* a partir do emprego da preposição *of* – já que esse adjetivo normalmente não é acompanhado de preposição ou associa-se a *with* –, para então saber como traduzir a frase com o sentido que a autora parece querer transmitir.

Como feito anteriormente, a primeira ação realizada foi pesquisar todos os possíveis significados de *helpless* no *Cambridge Dictionary* (Helpless, [s.d.], tradução nossa), que forneceu as definições “incapaz de fazer algo para ajudar a si ou a outro” e “incapaz de fazer coisas sem ajuda”, além das opções de tradução “indefeso” e “impotente”. Os significados oferecidos pelo mesmo dicionário virtual para a palavra *accent*, também não fugiram do esperado, sendo o mais cabível nesse contexto o de “sotaque”, visto que os outros destoavam por se traduzirem para “acento gráfico” ou “acento” como “ênfase especial dada para uma sílaba

específica em uma palavra, palavra em uma frase, ou nota em um arranjo de notas musicais” (Accent, [s.d.], tradução nossa).

Enfim, após essa pesquisa, o caminho tradutório ficou mais claro, pois confirmou uma das hipóteses apresentadas durante as primeiras leituras. Essa hipótese, desenvolve-se a partir da observação mais atenta à primeira afirmação que Dickinson faz na abertura da carta: “but to speak seemed taken from me”. Ao considerar como a recente morte de sua mãe a tinha afetado, pode-se inferir que sua falta de forças para falar, pode ter decorrido dos sentimentos pesarosos de quem está tendo dificuldades de lidar com o luto de um parente próximo. Assim sendo, o “wondering terror of the Mind” pode ser justamente uma referência a esta batalha com o luto, por conseguinte, o “helpless of an accent” parece querer enfatizar a impossibilidade de vencer essa luta ao dizer que até mesmo o sotaque – uma referência a voz ou ato de falar – se mostrava impotente perante esse “assombroso terror da Mente”.

4 AS CARTAS E SUAS RESPECTIVAS TRADUÇÕES

Para seguir a temporalidade linear das mudanças nos estados emocionais e de saúde, pelos quais Emily Dickinson passou – ao decorrer do processo de lidar com a perda de sua mãe e, quase um ano depois, com a de seu sobrinho –, as cartas foram deixadas em ordem cronológica, assim como se encontram no livro do qual foram retiradas (Dickinson; Johnson, 1958). Preservar essa organização também ajuda a entender e visualizar mais facilmente os cenários construídos pela poeta sobre os últimos momentos vividos com cada um dos familiares falecidos. Por fim, também permite notar o padrão em que certos momentos são recontados em mais de uma ocasião, o que auxilia na construção de hipóteses mais válidas e fundamentadas. Como manifestação concreta de todos esses objetivos, a maioria das traduções são acompanhadas de comentários e análises para auxiliar na compreensão do conteúdo e percepção de padrões. No entanto, para evitar quebra de lógica, repetição excessiva ou fragmentação de ideias, diversas análises já exploram trechos de cartas posteriores. Por consequência, certas epístolas não apresentarão comentários por já terem sido analisadas em outro momento.

Observa-se, por exemplo, a maneira como são recontadas diversas vezes as últimas palavras de Gilbert para sua tia, o que aparenta refletir possíveis sentimentos de angústia de Dickinson. Em especial, no caso de seu sobrinho, é possível perceber como este sentimento parece ser acompanhado de uma sombra de culpa a cada carta, por ter sido ela quem o deixou brincar na lama, que o levou a contrair febre tifoide. Certamente, ela não tinha como saber que isso iria ocorrer, mas considerando o quanto ela mostrava amar o seu sobrinho, não é impossível de presumir, com o que se observa nas cartas, que esse sentimento de culpa existisse, por menos razões que houvesse para ela se sentir assim. Portanto, essas correspondências podem ser entendidas, também, como confissões silenciosas, desabafos poéticos, uma passagem para vislumbrar um lado mais íntimo e particular de Emily Dickinson.

4.1 CARTA 777

To Maria Whitney 14 November 1882
Tuesday

Sweet friend,

Our Mother ceased –

While we bear her dear form through the Wilderness, I am sure you are with us.

Para Maria Whitney 14 de novembro de 1882

Terça-feira

Doce amiga,

Nossa Mãe faleceu –

Enquanto carregamos sua querida figura pelo Deserto, tenho certeza de que você está conosco.

Emily.

Por ter sido escrita no dia em que Emily Norcross Dickinson faleceu, esta provavelmente foi a primeira carta enviada após o ocorrido, ao menos, de acordo com o que se tem registro. Durante o processo de tradução desta carta, inicialmente havia sido utilizado o termo “Natureza Selvagem” para corresponder a *Wilderness*, sendo uma das possibilidades de tradução de acordo com o dicionário virtual *Linguee* e o *Cambridge Dictionary*, apesar de deserto ser o termo mais comum de referência. Esta escolha se fundamentava em dois argumentos, o primeiro sendo a hipótese de Emily Dickinson estar se referindo ao transporte do corpo de sua mãe da casa em que moravam até o cemitério da família, com o trecho “carregamos sua querida figura”. A distância entre esses dois locais é consideravelmente curta, de acordo com as informações fornecidas no *site* oficial do Museu de Emily Dickinson (Emily Dickinson Museum, [s.d.]e), havendo de sua casa, na 280 *Main St.*, até o *West Cemetery*, na *Triangle St.*, menos de um quilômetro de distância. Deste modo, o segundo argumento se fundamentava na clara admiração de Dickinson pela natureza, em conjunto com a dedução de que o caminho percorrido provavelmente apresentava uma paisagem arbórea, tornando o uso de *Wilderness* uma possível hipérbole para se referir a trajetória percorrida.

Entretanto, por este trabalho de tradução ser construído à luz da teoria bermaniana sobre as tendências deformadoras (como abordado no segundo capítulo desta presente pesquisa), percebeu-se que manter a escolha de “Natureza Selvagem” resultaria em duas deformações evitáveis, alertadas por Berman. Ao transformar o termo singular do texto-fonte (*Wilderness*) em dois termos na tradução (Natureza Selvagem), o texto passaria pela deformação do alongamento e do empobrecimento quantitativo – decorrente de uma tentativa de explicar algo abstrato.

⁸ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 745)

A primeira tendência mencionada, o alongamento, é, em partes, uma consequência de outras duas deformações, a racionalização e a clarificação, e é caracterizada como “um desdobramento do que está, no original, ‘dobrado’” (Berman, 2013, p. 72). Neste caso, seria tornar um elemento abstrato e indefinido em algo mais concreto e definido, arriscando inverter a relação construída no texto-fonte, a fim de tornar claro algo que possuía a intenção de ser impreciso, ou vice-versa. A segunda tendência, de empobrecimento quantitativo, refere-se à redução de possíveis significantes para cada significado, ou seja, ignorar, no processo de tradução, a diversificação lexical utilizada pelo autor, resultando em uma restrição e apagamento da amplitude e profundidade que sua mensagem buscava alcançar. Desta forma, para evitar as tendências deformadoras citadas e preservar a subjetividade e poeticidade que o substantivo *Wilderness* agrega à mensagem, ao final, foi decidido pela mudança do termo “Natureza Selvagem”, para a tradução mais utilizada, “Deserto”.

4.2 CARTA 778

To Mrs. Henry Hills November 1882

The last Gift on which my fleeing Mother looked, was Mrs. Hills' little Bird. I trust this Morning, a Bird herself, she requires no Symbol. ⁹

Para a Sra. Henry Hills novembro de 1882

A última Dádiva para a qual minha fugidia Mãe olhou, foi o Passarinho da Sra. Hills. Confio que, esta Manhã, sendo ela própria um Pássaro, não precise de nenhum Símbolo.

Este momento é retomado na primeira correspondência enviada à Sra. J. Howard Sweetser sobre o falecimento da Sra. Dickinson: “O penúltimo Presente, ao qual seus queridos Olhos se voltaram, foram as Uvas enviadas pela senhora. O último, foi um Passarinho, enviado pela atenciosa Sra. Hills.” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 748, tradução nossa). Essa passagem também é a primeira menção à sua mãe ter se transformado em um pássaro ao partir. Observa-se então, desde o início, esse comportamento da poeta em recontar os últimos momentos e a maneira como os enxerga, cada vez com mais detalhes, como uma obra sendo pintada: começa-se pelo ponto que mais faz sentido ao artista e, aos poucos, os outros componentes são adicionados conforme se encaixam a partir do que já foi apresentado.

⁹ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 746)

4.3 CARTA 779

To Mrs. J. G. Holland November 1882

The dear Mother that could not walk, has *flown*. It never occurred to us that though she had not Limbs, she had *Wings* – and she soared from us unexpectedly as a summoned Bird – She had a few weeks since a violent cold, though so had we all, but our’s recovered apparently, her’s seemed more reluctant – but her trusted Physician was with her, who returned her to us so many times when she thought to go, and he felt no alarm – After her cough ceased she suffered much from neuralgic pain, which as nearly as we can know, committed the last wrong – She seemed entirely better the last Day of her Life and took Lemonade – Beef Tea and Custard with a pretty ravenousness that delighted us. After a restless Night, complaining of great weariness, she was lifted earlier than usual from her Bed to her Chair, when a few quick breaths and a “Dont leave me, Vinnie” and her sweet being closed – That the one we have cherished so softly so long, should be in that great Eternity without our simple Counsels, seems frightened and foreign, but we hope that Our Sparrow has ceased to fall, though at first we believe nothing –

Thank you for the Love – I was sure whenever I lost my own I should find your Hand –

The Clover you brought me from Father’s Grave, Spring will sow on Mother’s – and she carried Violets in her Hand to encourage her.

Remember me to your Annie and Kate. Tell them I envy them their Mother. “Mother”! What a Name!

Emily.¹⁰

Para Sra. J. G. Holland novembro de 1882

A Mãe querida que não podia andar, *voou*. Nunca nos ocorreu que apesar de ela não ter Membros, ela tinha *Asas* – e ela voou alto de nós inesperadamente como um Pássaro convocado – já havia algumas semanas desde que Ela teve uma gripe violenta, apesar de que nós também, mas a nossa aparentemente se recuperou, a dela parecia mais relutante – mas o seu confiável Médico estava com ela, quem nos devolveu-a tantas vezes quando ela pensou em partir, e ele não ficou alarmado – Depois da tosse dela ter acabado, ela sofreu muito de dor neurálgica, o que, ao mais próximo que podemos saber, cometeu o último erro – Ela parecia completamente melhor no último Dia de sua Vida e tomou Limonada – Chá de Carne e Creme Inglês com um apetite voraz que encantou a nós. Após uma Noite agitada, queixando-se de grande cansaço, ela foi levantada mais cedo que o habitual de sua Cama para a sua Cadeira, quando após algumas poucas respirações rápidas e um “Não me deixe, Vinnie” e seu doce ser se esvaiu – Que aquela

¹⁰ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 779)

que nós valorizamos com tanta ternura por tanto tempo, esteja naquela grande Eternidade sem nossos simples Conselhos, parece assustador e estranho, mas nós esperamos que Nosso Pardal tenha parado de cair, embora, no começo, não acreditemos em nada –

Obrigada pelo Amor – Eu tinha certeza de que sempre que eu perdesse os meus, eu encontraria sua Mão –

O Trevo que a senhora me trouxe do Túmulo do meu Pai, a Primavera irá costurá-lo no de minha Mãe – e ela carregou Violetas em sua Mão para encorajá-la.

Lembre de mim para a sua Annie e Kate. Diga à elas que eu as invejo pela Mãe delas. “Mãe”! Que Nome!

Emily.

A partir do conhecimento que se tem sobre a amizade entre ela e a Sra. J. G. Holland, como mencionado anteriormente, não é de se surpreender que esta tenha sido a primeira a saber sobre o estado de espírito da poeta, incluindo a descrição dos últimos momentos de vida de sua mãe. É possível notar o espanto com a súbita melhora, e consequente piora, na saúde da Sra. Dickinson; entretanto, nota-se, de modo similar, uma certa resignação com o falecimento. Ela, provavelmente, devia pressentir a partida iminente, ao considerar as frequentes enfermidades que sua mãe estava enfrentando.

Para além disso, é interessante notar o desenvolvimento, a partir da introdução na carta à Sra. Hills, da metáfora sobre a transformação em pássaro, agora com a menção ao alçar voo para se referir ao processo da morte e da ascensão do espírito. Neste caso, com a descrição inicial “A Mãe querida que não podia andar, *voou*. Nunca nos ocorreu que apesar de ela não ter Membros, ela tinha *Asas* – e ela voou alto de nós inesperadamente como um Pássaro convocado –”, pode-se teorizar que Dickinson parece dizer que a transformação de sua mãe, já estava ocorrendo, ou havia ocorrido há tempos. Isso teria acontecido possivelmente depois do derrame sofrido quase um ano após a morte de seu marido, evento que a deixou paralisada pelo resto de sua vida. Assim, ela estava apenas aguardando ser convocada para poder partir.

No trecho “Thank you for the Love – I was sure whenever I lost my own I should find your Hand –”, acredita-se que esse “my own” seja uma forma de se referir à familiares ou pessoas consideradas da família, assim como já apareceu em outra carta apresentada neste trabalho, a de número 815. Por esta razão, escolheu-se traduzir a expressão como “os meus”.

4.4 CARTA 782

To Mrs. J. Howard Sweetser November 1882

Dear Nellie,

I cannot resist your sweet appeal, though the departure of our Mother is so bleak a surprise, we are both benumbed – for the Doctor assured us she was recovering and only the night before she died, she was happy and hungry and ate a little Supper I made her with such enthusiasm, I laughed with delight, and told her she was as hungry as Dick.

Wondering with sorrow, how we could spare our lost Neighbors, our first Neighbor, our Mother, quietly stole away.

So unobtrusive was it, so utterly unexpected, that she almost died with Vinnie alone before one could be called. Amid these foreign Days the thought of you is homelike, for you were peculiarly gentle to her for whom service has ceased.

The last Token but one, on which her dear Eyes looked, was the Grapes from you. The very last, a little Bird, from thoughtful Mrs Hills.

Grapes and Birds, how typic, for was she not on her sweet way to a frostless Land? Plundered of her dear face, we scarcely know each other, and feel as if wrestling with a Dream, waking would dispel.

Thank you for every sweetness to her and to us and please to thank your Husband for the lovely desire to honor her for the last time, and Alice and Nettie too, for many a little Banquet she was indebted to them. Thank them with a Kiss.

I hope you are stronger than you were, and that all is safe in your unspeakable Home. Oh, Vision of Language!

Emily.¹¹

Para Sra. J. Howard Sweetser novembro de 1882

Querida Nellie,

Eu não posso resistir ao seu doce apelo, embora a partida de nossa Mãe ser uma surpresa sombria, estamos ambas entorpecidas – pois o Doutor havia nos assegurado que ela estava se recuperando e apenas na noite anterior a sua morte, ela estava feliz e faminta, e comeu um Jantar leve, que eu fiz a ela, com tanto entusiasmo, eu ri de alegria, e disse que ela estava tão faminta quanto o Dick.

Perguntamo-nos com tristeza, como poderíamos poupar nossos Vizinhos perdidos, nosso primeiro Vizinho, nossa Mãe, silenciosamente roubada.

¹¹ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 748-749)

Tão discretamente foi, tão completamente inesperado, que ela quase morreu só com a Vinnie, antes que alguém pudesse ser chamado. Em meio a esses Dias estranhos, a lembrança da senhora é familiar, pois a senhora era especialmente gentil com ela, para quem a missa acabou.

O penúltimo Gesto, ao qual seus queridos Olhos se voltaram, foram as Uvas enviadas pela senhora. O último, foi um Passarinho, enviado pela atenciosa Sra. Hills.

Uvas e Pássaros, quão típico, pois não estava ela em seu doce caminho para uma Terra sem geada?

Saqueadas de seu querido rosto, nós quase não nos reconhecemos, e sentimos como se estivéssemos lutando contra um Sonho que o despertar dissiparia.

Obrigada por cada doçura sua para ela e para nós, e por favor agradeça ao seu Marido pelo lindo desejo de homenageá-la pela última vez, e à Alice e à Nettie também, pelos muitos pequenos Banquetes que ela lhes devia. Agradeça a elas com um Beijo.

Eu espero que a senhora esteja mais forte do que antes, e que tudo esteja bem em seu Lar indescritível. Ah, Visão da Linguagem!

Emily.

Nesta carta, confirma-se a surpresa sentida por Emily e sua irmã Lavínia (Vinnie) com o súbito falecimento da Sra. Dickinson, mesmo após o diagnóstico do médico indicar uma melhora em seu estado de saúde. As informações proporcionadas à Sra. J. Howard Sweetser agregam ao relato construído inicialmente, na carta anterior, sobre as ocorrências nos últimos dias de vida da mãe da poeta. Esse é um movimento muito presente em diversas das epístolas selecionadas, não só sobre sua mãe, mas sobre o seu sobrinho. Uma hipótese possível parte da interpretação de que, se esses cenários aparecem em tantas correspondências, cada vez com novas informações, isso pode indicar que a poeta passou muito tempo revisitando essas memórias em sua cabeça (como parte de seu processo de luto), e as colocava nas cartas que enviava como possível forma de tentar expurgar esses pensamentos. Outro detalhe que se nota nesta carta, é o que parece ser a passagem do estágio de luto da tristeza para a raiva, com o emprego de termos violentos como “silenciosamente roubada” e “saqueadas de seu querido rosto”, os quais remetem à ideia de algo que foi tirado à força de alguém, em comparação a “voou alto de nós inesperadamente como um Pássaro convocado” e “seu doce ser se esvaiu”, expressões que parecem remeter a um acontecimento, ainda súbito, mas suave e natural.

Em vários momentos dessas correspondências, como já mencionado, alguns sentimentos descritos não pertencem somente a Emily, mas também à sua irmã, que, além de

também ter presenciado o falecimento de sua mãe, quase passou por isso sozinha por ter tido pouco tempo para chamar alguém para acudi-la. Apesar de ter compartilhado este momento com a poeta, Lavinia aparenta lidar com essa situação com menos dificuldade em comparação à sua irmã; apesar de ambas terem ficado claramente abatidas com o falecimento. Essa teoria de divergência no comportamento das irmãs – frente ao falecimento repentino e assistido de sua mãe – fundamenta-se a partir de dois pontos. O primeiro é a saúde de Emily, que sempre foi descrita como frágil, tornando a angústia um sentimento perigoso, do qual a poeta infelizmente se torna vítima após o falecimento de Gilbert, episódio melhor descrito mais a frente. O segundo ponto consiste nas próprias palavras de Dickinson, na Carta 861, quando afirma “Eu quero agradecê-la pela ternura com a Vinnie, que tem sido Soldado e Anjo também, desde que nossos Pais morreram, [...]” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 794, tradução nossa), implicando uma certa tomada de controle, por parte de Lavinia, para assegurar o cuidado de sua irmã e da casa.

No quarto parágrafo da carta, Dickinson utiliza o substantivo *Token* para se referir aos presentes enviados pela Sra. J. Howard Sweetser e pela Sra. Hills. Este termo possui uma vasta gama de possíveis correspondentes no português brasileiro, a depender do contexto. Para esta carta, as opções mais cabíveis – entre as apresentadas pelo *Linguee* e o *Cambridge Dictionary* – eram “símbolo” (presente em ambos os dicionários) e “gesto” (presente apenas no *Linguee*). Ao final, optou-se pela escolha da segunda opção por representar melhor a ideia de um ato simples e recorrente de demonstração de afeto.

4.5 CARTA 785

To Louise and Frances Norcross late November 1882

Dear cousins,

I hoped to write you before, but mother's dying almost stunned my spirit.

I have answered a few inquiries of love, but written little intuitively. She was scarcely the aunt you knew. The great mission of pain had been ratified – cultivated to tenderness by persistent sorrow, so that a larger mother died than had she died before. There was no earthly parting. She slipped from our fingers like a flake gathered by the wind, and is now part of the drift called “the infinite”.

We don't know where she is, though so many tell us.

I believe we shall in some manner be cherished by our Maker – that the One who gave us this remarkable earth has the power still farther to surprise that which He has caused. Beyond that all is silence.

...

Mother was very beautiful when she had died. Seraphs are solemn artists. The illumination that comes but once paused upon her features, and it seemed like hiding a picture to lay her in the grave; but the grass that received my father will suffice his guest, the one he asked at the altar to visit him all his life.

I cannot tell how Eternity seems. It sweeps around me like a sea. . . Thank you for remembering me. Remembrance – mighty word.

“Thou gavest it to me from the foundation of the world.”

Lovingly,

Emily.¹²

Para Louise e Frances Norcross final de novembro 1882

Queridas primas,

Eu esperava escrever a vocês antes, mas a morte de minha mãe quase atordoou o meu espírito.

Respondi algumas perguntas sobre amor, mas escrevi pouco intuitivamente. Ela mal era a tia que vocês conheciam. A grande missão da dor havia sido ratificada – cultivada à ternura pelo pesar persistente, de modo que uma mãe maior morreu do que se ela tivesse morrido antes. Não houve nenhuma despedida terrena. Ela escapou de nossos dedos como um floco levado pelo vento, e agora é parte da corrente chamada “o infinito”.

Nós não sabemos onde ela está, embora tantos nos digam.

Eu acredito que nós seremos, de alguma maneira, amados pelo nosso Criador – que O que nos deu esta terra extraordinária tem o poder de surpreender ainda mais aquilo que Ele criou. Além disso, tudo é silêncio. . . .

Minha mãe estava muito bonita quando morreu. Serafins são artistas solenes. A iluminação que entrava, apenas uma vez, pausou sobre suas feições, e enterrá-la em seu túmulo pareceu como esconder uma pintura; mas a grama que recebeu meu pai será o suficiente para a sua convidada, aquela a quem ele pediu no altar para visitá-lo durante toda sua vida.

Eu não posso dizer como a Eternidade se parece. Ela envolve-me como um mar. . . Obrigada por lembrarem de mim. Lembrança – palavra poderosa.
“Tu a destes a mim desde a fundação do mundo.”

Carinhosamente,

Emily.

¹² (Dickinson; Johnson, 1958, p. 749-750)

Dickinson abre a carta falando sobre como o baque e o luto pela morte de sua mãe quase a paralisaram, dificultando a tarefa de responder às cartas de condolências recebidas. Na parte seguinte, “Ela mal era a tia que vocês conheciam.”, é possível assumir, por meio das cartas escritas anteriormente, que ela se refere ao estado debilitante em que sua mãe se encontrava nos últimos anos, resultado do derrame sofrido e dos resfriados também mencionados nas cartas anteriores. A utilização da comparação “Ela escapou de nossos dedos como um floco levado pelo vento”, muito provavelmente se refere ao fato de sua mãe, no dia em que faleceu, ter aparentado estar bem, inclusive melhor do que estava em outros dias. Deste ponto em diante, na carta traduzida, observa-se um desabafo sobre outros pensamentos e sentimentos que a assolavam.

Através das palavras “A grande missão da dor havia sido ratificada – cultivada à ternura pelo pesar persistente, de modo que uma mãe maior morreu do que se ela tivesse morrido antes.”, ela disserta sobre a dor da perda ser mais intensa pelo afeto e ternura cultivados durante os anos de cuidado excessivo após o derrame. Esta interpretação ganha força ao considerar um fragmento de outra carta (792) – traduzida mais a frente neste trabalho – enviada quase um mês depois para Elizabeth Holland, igualmente desabafando sobre a tristeza profunda que ainda sentia: “We were never intimate Mother and Children while she was our Mother – but Mines in the same Ground meet by tunneling and when she became our Child, the Affection came [...]” (Dickinson; Johnson, 1958, p.754-755).

É interessante a maneira como ela entrelaça sua fé em Deus acolhendo sua mãe com amor, mesmo com a dúvida de não saber onde, de fato, sua mãe se encontra, apenas tendo a certeza de agora ela fazer parte “do infinito”. Apesar dessa hesitação, Dickinson, notoriamente, cita diversas passagens da Bíblia em suas epístolas, incluindo esta, quando ao final escreve “Tu a me destes desde a fundação do mundo.”, sendo, de acordo com as notas no volume de Johnson (Dickinson; Johnson, 1958, p. 750), uma referência ao versículo de João 17,24.

Por último, é importante reparar na forma, talvez morbidamente poética, com que ela descreve a beleza de sua mãe ao morrer e como uma imagem tão linda não merecia ser enterrada para nunca mais ser vista, pois seria como esconder uma pintura. Este trecho escancara o fato da poeta não ter medo da morte, não se assustar com ela, muito menos sentir nojo ou terror ao ver uma pessoa morta. Pelo contrário, é algo no qual ela vê beleza, vê arte, da mais alta hierarquia celestial, criada pelos serafins, que são “artistas solenes”.

4.6 CARTA 789

To Mary Ingersoll Cooper late 1882

Dear friend –

Thank you for the very sweet Message which you sent me in November, though I did not reply till Today –

The Biography of the Blossom might perhaps endear it –

It was sent to me by your Mother, after the Village Fire – and “Mother,” to me, is so sacred a Name, I take even that of the “Seraphim” with less hallowed significance –

E – Dickinson –
with love – ¹³

Para Mary Ingersoll Cooper final de 1882

Querida amiga –

Obrigada pela Mensagem tão gentil que a senhora me enviou em novembro, embora eu só tenha respondido Hoje –

A Biografia da Flor possa talvez cativá-la –

Foi-me enviada pela sua Mãe, depois do Incêndio no Vilarejo – e “Mãe”, para mim, é um Nome tão sagrado, que até mesmo o dos “Serafins” eu considero com menos venerada significância –

E – Dickinson –
com amor –

Pelo que indica a abertura da carta, esta foi uma resposta a uma mensagem de pêsames enviada pela Sra. Cooper. Aqui se observa a repetição da menção aos Serafins, compreendidos na literatura cristã, judaica e islâmica como os anjos da mais alta patente, que atuam como guardiões do trono de Deus (Encyclopaedia Britannica, [s.d.]). Entretanto, nesta carta, a autora menciona essas figuras solenes para dizer que agora há um nome mais sagrado para ela, o que de certa maneira, contrapõe-se ao elogio e prestígio dedicado na carta anterior. Outra função que a afirmação parece apresentar, é a atribuição de uma certa aura celestial à figura materna e, principalmente, ao termo “Mãe”. Pode-se hipotetizar que Dickinson quisesse dizer que o trabalho de uma mãe e a significância de tal figura, para ela, seja ainda mais importante e

¹³ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 752)

sagrada em comparação a imagem e função dos Serafins. Isso consolida o que já estava sendo construído desde a Carta 779: “[...] Diga à elas que eu as invejo pela Mãe delas. “Mãe”! Que Nome!” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 747). Isso reaparece, por último, na Carta 861: “Estou feliz que tenha a sua Mãe com você – perdoe-me pela pontada de cobiça, por eu não ter a minha – um lugar sagrado para inveja – [...]” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 794).

4.7 CARTA 792

To Mrs. J. G. Holland mid-December 1882

Dear Sister.

I have thought of you with confiding Love, but to speak seemed taken from me – Blow has followed blow, till the wondering terror of the Mind clutches what is left, helpless of an accent –

You have spared so much and so patiently, it seems as if some seraphic Armor must have shielded you –

Mother has now been gone five Weeks. We should have thought it a long Visit, were she coming back – Now the “Forever” thought almost shortens it, as we are nearer rejoining her than her own return – We were never intimate Mother and Children while she was our Mother – but Mines in the same Ground meet by tunneling and when she became our Child, the Affection came – When we were Children and she journeyed, she always brought us something. Now, would she bring us but herself, what an only Gift – Memory is a strange Bell – Jubilee, and Knell.

I hope your Home with the new Children is a Place of Peace, and believe it to be from Austin’s Story – The Port of Peace has many Coves, though the main entrance cease – I hope the large sons are docile to their little Mother, whose commands are Balm – I had written to Kate, but ere mailing the Note that great difference came, and to find it would be to open a Past that is safer closed –

Austin told of his Call with much warmth, and I trust the Sun is still shining there, though it is since Night.

I trust the new Home may remain untouched – Is God Love’s Adversary?

Emily.¹⁴

Para a Sra. J. G. Holland meio de dezembro de 1882

Querida Irmã.

Eu tenho pensado na senhora com Amor confidente, mas poder falar, parecia ter sido tirado de mim – Um Golpe seguiu-se a outro, até o assombroso terror da Mente agarrar o que restou, impotente até mesmo um sotaque –

¹⁴ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 754-755)

A senhora tem suportado tanto e com tanta paciência, como se alguma Armadura seráfica parecesse protegê-la –

Faz agora cinco Semanas que nossa Mãe partiu. Teríamos pensado ser uma longa Visita, se ela fosse voltar – Agora o pensamento de “Para Sempre” quase parece encurtar o tempo, já que estamos mais próximas de nos reunirmos à ela do que ela de retornar – Nós nunca fomos intimamente Mãe e Filhos, quando ela era a nossa Mãe – mas Minas sob o mesmo Chão se encontram através de túneis e quando ela se tornou nossa Criança, o Afeto surgiu – Quando éramos Crianças e ela viajava, ela sempre nos trazia algo. Agora, se ela nos trouxesse apenas a si mesma, que Dádiva única seria – Memória é um estranho Sino – Jubileu, e Dobre Fúnebre.

Espero que seu Lar com as novas Crianças seja um Lugar de Paz, e acredito que assim seja, a partir da História do Austin – O Porto da Paz tem muitas Enseadas, embora a entrada principal esteja fechada – Espero que os filhos grandes sejam dóceis com sua pequena Mãe, cujas ordens são um Bálsamo – Eu havia escrito para Kate, mas dantes de enviar a Mensagem aquela grande diferença aconteceu, e encontrá-la seria abrir um Passado que é mais seguro encerrado –

Austin contou da Vocação dele com muito carinho, e eu confio que o Sol ainda esteja brilhando por lá, embora já seja Noite.

Confio que o novo Lar permanecerá intocado – Será Deus o Adversário do Amor?

Emily.

Na introdução desta carta, começa-se a perceber as consequências do emocional abatido de Dickinson na sua saúde, inicialmente aparecendo apenas como uma dificuldade de se comunicar, sendo um efeito mais ligado à tristeza. No entanto, esses sinais voltam a se manifestar, com um declínio alarmante para a família, alguns meses depois da morte de Gilbert, com a aparição de uma prostração nervosa, fraqueza e um desmaio, descritos mais detalhadamente nas epístolas 873 e 907. A carta destinada à Sra. Holland também fornece um vislumbre de como foi a relação da poeta com a sua mãe ao longo de sua vida e como a dinâmica se alterou após a Sra. Dickinson ficar paralisada em decorrência de um Acidente Vascular Cerebral (AVC) sofrido em 1875, quando suas filhas passaram, então, a cuidar dela.

4.8 CARTA 815

To Maria Whitney spring 1883

Dear Friend,

The guilt of having sent the note had so much oppressed me that I hardly dared to read the reply, and delayed my heart almost to its stifling, sure you would never receive us again. To come unto our own and our own fail to receive us, is a sere response.

I hope you may forgive us.

All is faint indeed without our vanished mother, who achieved in sweetness what she lost in strength, though grief of wonder at her fate made the winter short, and each night I reach finds my lungs more breathless, seeking what it means.

To the bright east she flies
 Brothers of Paradise
 Remit her home,
 Without a change of wings,
 Or Love's convenient things,
 Enticed to come.

Fashioning what she is,
 Fathoming what she was,
 We deem we dream-
 And that dissolves the days
 Through which existence strays
 Homeless at home.

The sunshine almost speaks, this morning, redoubling the division, and Paul's remark grows graphic, "the weight of glory."

I am glad you have an hour for books, those enthralling friends, the immortalities, perhaps, each may pre-receive. "And I saw the Heavens opened."

I hope that nothing pains you except the pang of life, sweeter to bear than to omit.

With love and wonder,

Emily.¹⁵

Para Maria Whitney primavera de 1883

Querida Amiga,

A culpa por ter enviado o bilhete me oprimiu de tal maneira, que eu quase não ousei ler a resposta, e atrasou o meu coração quase ao sufocamento, certo de que a senhora nunca nos receberia novamente. Ir até os nossos e os nossos não nos receberem, é uma resposta devastadora.

Eu espero que a senhora possa nos perdoar.

¹⁵ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 770-771)

Tudo é tênue, de fato, sem nossa desvanecida mãe, que alcançou em doçura o que ela perdeu em força, embora a dor do espanto com o destino dela tenha tornado o inverno curto, e a cada noite que eu alcanço, encontra meus pulmões mais sem fôlego, em busca do que isso significa.

Ao leste brilhante ela voa
Irmãos do Paraíso
Remeta-a para casa,
Sem uma troca de asas,
Ou as conveniências do Amor,
Que atraíram-na a vir.

Modelando o que ela é,
Compreendendo o que ela foi,
Nós julgamos que sonhamos –
E isso dissolve os dias
Pelos quais a existência se perde
Sem lar, em casa.

A luz do sol quase fala, esta manhã, redobrando a divisão, e a observação de Paulo torna-se mais vívida, “o peso da glória.”

Estou feliz que a senhora tenha uma hora para os livros, esses amigos encantadores, as imortalidades, que talvez, cada um pode antecipar. “E eu vi o Céu aberto.”

Espero que nada lhe cause dor, exceto a pontada da vida, mais doce de suportar do que de omitir.

Com amor e admiração,
Emily.

O Paulo ao qual Dickinson está se referindo nesta carta é a figura bíblica. Os trechos acompanhados por aspas são citações da Bíblia, o primeiro provém de 2 Coríntios 4,17: “Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação,” (Bíblia, 1979, p. 216,); e o segundo de Apocalipse 19,11: “Vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O seu cavaleiro se chama Fiel e Verdadeiro, e julga e peleja com justiça.” (Bíblia, 1979, p. 306).

4.9 CARTA 861

To Harriet Austin Dickinson mid-August 1883

Dear friend,

I want to thank you for the tenderness to Vinnie, who has been Soldier and Angel too since our Parents died, and only carries a “drawn Sword” in behalf of Eden – the “Cherubim” her criterion.

I am glad that you have your Mother with you – forgive a pang of covetousness that I have not my own – a sacred place for envy – and you have, I believe, one Sister the most, bereaving me again. Mother – Brother – Sister! “What a Triumvirate”!

But Yesterday, and those three Wealths were actually mine! With sorrowing gluttony I look away from your's. Thanking you again for the affection for Vinnie,

Her Sister – ¹⁶

Para Harriet Austin Dickinson meio de agosto de 1883

Querida amiga,

Eu quero agradecê-la pela ternura com a Vinnie, que tem sido Soldado e Anjo também, desde que nossos Pais morreram, e somente carrega uma “Espada Desembainhada” em nome do Éden – os “Querubins” são o seu parâmetro.

Estou feliz que tenha a sua Mãe com a senhora – perdoe-me pela pontada de cobiça, por eu não ter a minha – um lugar sagrado para inveja – e a senhora tem, creio eu, uma Irmã a mais, o que me deixa outra vez em luto. Mãe – Irmão – Irmã! “Que Triunvirato”!

Apenas Ontem, e essas três Riquezas eram de fato minhas! Com gula pesarosa eu desvio o olhar das suas. Agradeço novamente pelo Carinho pela Vinnie,

Sua Irmã –

4.10 CARTA 867

To Mrs. J. Howard Sweetser early October 1883

Thank you,

Dear, for the loveliness. It is very sweet to know you are near. We are so much grieved for the little Boy –

Emily – ¹⁷

¹⁶ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 794)

¹⁷ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 798)

Para Sra. J. Howard Sweetser início de outubro de 1883

Obrigada,

Querida, pela amabilidade. É muito bom saber que você está por perto. Nós estamos muito aflitos pelo Garotinho –

Emily –

Esta carta foi selecionada para o trabalho mesmo não se tratando diretamente sobre os falecimentos, pois ela precede imediatamente a primeira epístola após a morte de Gilbert, mostrando que havia uma séria preocupação sobre as chances de melhora do garoto quando ele adoeceu, além de confirmar a rapidez no declínio de sua saúde.

4.11 CARTA 868

To Susan Gilbert Dickinson early October 1883

Dear Sue –

The Vision of Immortal Life has been fulfilled –

How simply at the last the Fathom comes! The Passenger and not the Sea, we find surprises us

–

Gilbert rejoiced in Secrets –

His Life was panting with them – With what menace of Light he cried “Dont tell, Aunt Emily”!

Now my ascended Playmate must instruct me. Show us, prattling Preceptor, but the way to thee!

He knew no niggard moment – His Life was full of Boon – The Playthings of the Dervish were not so wild as his –

No crescent was this Creature – He traveled from the Full –

Such soar, but never set –

I see him in the Star, and meet his sweet velocity in everything that flies – His Life was like the Bugle, which winds itself away, his Elegy an echo – his Requiem ecstasy –

Dawn and Meridian in one.

Wherefore would he wait, wronged only of Night, which he left for us –

Without a speculation, our little Ajax spans the whole –

Pass to thy Rendezvous of Light,

Pangless except for us –

Who slowly ford the Mystery

Which thou hast leaped across!

Para Susan Gilbert Dickinson início de outubro de 1883

Querida Sue –

A Visão da Vida Eterna se cumpriu –

Quão simples ao final a Compreensão chega! É o Passageiro e não o Mar, descobrimos,
que nos surpreende –

Gilbert regozijava-se com os Segredos –

Sua vida ofegava por eles – Com alguma ameaça de Luz ele gritou “Não conte, Tia Emily”! Agora, meu Companheiro de Brincadeiras deve me instruir. Mostre-nos, Preceptor tagarela, o caminho até você!

Ele não conhecia a mesquinhez – Sua Vida era repleta de Bênçãos – Os Brinquedos dos Dervixes não eram tão selvagens quanto os dele –

Não era crescente, essa Criatura – Ela viajou desde a Lua Cheia –

Assim voava, mas nunca se punha –

Eu o vejo na Estrela, e encontro sua doce velocidade em tudo o que voa – Sua Vida era como a Corneta, que se afasta em meio ao vento, sua Elegia, um eco – seu Réquiem, êxtase – Amanhecer e Meridiano em um só.

Por qual razão ele esperaria, injustiçado apenas pela Noite, que ele nos legou –

Sem qualquer especulação, nosso pequeno Ajax abrange tudo –

Atravesse para o teu Encontro com a Luz,

Sem dor, exceto por nós –

Que lentamente cruzamos o Mistério –

Pelo qual tu ultrapassaste com um salto!

Emily.

Esta é a primeira carta, de uma sequência de quatro, que Dickinson envia para Susan expressando os seus pensamentos e sentimentos sobre o falecimento de Gilbert. Os aspectos que mais se sobressaem são os elogios e as alusões que ela faz sobre o menino e sua jornada para o “Encontro com a Luz”. Esse cuidado em elogiar e relembrar características particulares era um comportamento bastante familiar da poeta quando escrevia cartas a conhecidos que haviam perdido um parente de quem ela própria era próxima ou por quem nutria admiração. O poema ao final da epístola já possui uma tradução existente de Lando (1999, p.59):

¹⁸ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 799)

Ultrapassa para o teu encontro com a luz
 Sem dor exceto por nós,
 Que lentamente atravessamos o mistério
 Que tu saltaste veloz!

Como o foco deste trabalho está nas cartas e em seus conteúdos, diferentemente de Lando, que constrói seu trabalho visando à métrica e à rima poética, ocorreram algumas divergências nas escolhas de certas palavras. No caso deste trabalho, optou-se pela manutenção dos travessões e das letras maiúsculas, tal qual aparecem no texto-fonte.

4.12 CARTA 869

To Susan Gilbert Dickinson early October 1883

Perhaps the dear, grieved Heart would open to a flower, which blesses unrequested, and serves without a Sound.

Emily.¹⁹

Para Susan Gilbert Dickinson início de outubro de 1883

Talvez o querido Coração aflito se abriria para uma flor, que abençoa sem que lhe peçam, e serve sem fazer Barulho.

Emily.

4.13 CARTA 870

To Susan Gilbert Dickinson early October 1883

Climbing to reach the costly Hearts
 To which he gave the worth,
 He broke them, fearing punishment
 He ran away from Earth –

Emily.²⁰

¹⁹ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 800)

²⁰ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 800)

Para Susan Gilbert Dickinson *início de outubro de 1883*

Subindo para alcançar os caros Corações
Aos quais ele atribuiu o valor,
Ele os partiu, temendo a punição
Ele fugiu da Terra –

Emily.

O primeiro comentário a ser feito sobre esta carta é que não foi possível localizar nenhuma tradução existente deste poema. O segundo refere-se à reaparição da figura de “fugitiva”, de alguém que escapou, atribuída a pessoas que faleceram subitamente. Como mencionado anteriormente, esta não é a primeira vez que esta comparação é apresentada e não será a última. Ela surgiu inicialmente na carta enviada a Higginson sobre a morte de sua filha ainda nova: “[...] A rota da sua pequena Fugitiva deve ser um questionamento tenro – [...]” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 661, tradução nossa). Apareceu também na Carta 785, que fala de sua mãe: “Não houve nenhuma despedida terrena. Ela escapou de nossos dedos como um floco levado pelo vento, e agora é parte da corrente chamada ‘o infinito’.” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 749, tradução nossa). Por fim, manifesta-se novamente no poema da Carta 871: “Escapes mais lentamente/ Para os teus Reinos de Brilho –” (Dickinson Johnson, 1958, p. 801, tradução nossa).

O que parece se sobressair nessas metáforas, ao analisar o todo, é a ideia de que alcançar a imortalidade não é algo imediato, nem necessariamente rápido. A passagem não se manifesta apenas por meio de uma transformação – seja em pássaro ou fugitivo –, mas também por meio de um caminho, de uma jornada ou aventura, assim como Dickinson atesta na Carta 868, quando diz “Mostre-nos [...] o caminho até você.” e “Atravesse para o teu encontro com a Luz” (Dickinson; Johnson, 1958, p. 799, tradução nossa).

4.14 CARTA 871

To Susan Gilbert Dickinson *early October 1883*

Dear Sue –

A Promise is firmer than a Hope, although it does not hold so much –
Hope never knew Horizon –
Awe is the first Hand that is held to us –

Hopelessness in it's first Film has not leave to last – That would close the Spirit, and no intercession could do that –

Intimacy with Mystery, after great Space, will usurp it's place –

Moving on in the Dark like Loaded Boats at Night, though there is no Course, there is Boundlessness –

Expanse cannot be lost –

Not Joy, but a Decree

Is Deity –

His Scene, Infinity –

Whose rumor's Gate was shut so tight

Before my Beam was sown,

Not even a Prognostic's push

Could make a Dent thereon –

The World that thou hast opened

Shuts for thee,

But not alone,

We all have followed thee –

Escape more slowly

To thy Tracts of Sheen –

The Tent is listening,

But the Troops are gone!

Emily – ²¹

Para Susan Gilbert Dickinson início de outubro de 1883

Querida Sue –

Uma Promessa é mais firme que uma Esperança. Embora não tenha muito peso –

A Esperança nunca conheceu o Horizonte –

A Reverência é a primeira Mão que nos é estendida –

A Desesperança, em sua primeira Camada, não tem licença para perdurar – Isso fecharia o Espírito, e nenhuma intercessão poderia fazer isso –

A Intimidade com o Mistério, depois de muito Espaço, irá usurpar seu lugar –

Seguir em frente na Escuridão como Barcos Carregados à Noite, embora não haja Rumo, há Infinitude –

²¹ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 800-801)

A Imensidão não pode ser perdida –
 Não é Alegria, mas um Decreto
 É Divindade –
 Seu Cenário, o Infinito –
 De quem os Portões dos rumores estavam tão bem fechados
 Antes de meu Feixe ser semeado,
 Nem mesmo o pressionar de um Prognóstico
 Poderia causar o menor Amassado –

O Mundo que vós abristes
 Fecha-se para ti,
 Mas não sozinho,
 Todos nós seguimos a ti –
 Escapes mais lentamente
 Para os teus Reinos de Brilho –
 A Tenda está à escuta,
 Mas as Tropas se foram!

Emily –

Assim como nas *letter poems* anteriores, priorizou-se o conteúdo dos poemas, em vez da manutenção da rima. No entanto, neste caso, foi possível manter os pares *sown – thereon*, no sexto e oitavo verso da primeira estrofe, com a tradução “semeado – amassado”, e *thee – thee*, localizadas no segundo e quarto verso da segunda estrofe, por meio da escolha do termo “ti”. Apesar de ter sido encontrada a informação de haver uma tradução deste poema, no livro *Mistério e Solidão – a vida e obra de Emily Dickinson*, por Vera Neves Pedroso, publicado em 1963, não foi possível encontrar acesso a uma cópia da obra para comparar as traduções.

4.15 CARTA 873

To Mrs. J. G. Holland late 1883

Sweet Sister.

Was that what I used to call you?
 I hardly recollect, all seems so different –

I hesitate which word to take, as I can take but few and each must be the chiefest, but recall that Earth's most graphic transaction is placed within a syllable, nay, even a gaze –

The Physician says I have "Nervous prostration."

Possibly I have – I do not know the Names of Sickness. The Crisis of the sorrow of so many years is all that tires me – As Emily Brontë to her Maker, I write to my Lost "Every Existence would exist in thee –"

The tender consternation for you was much eased by the little Card, which spoke "better" as loud as a human Voice –

Please, Sister, to wait –

"Open the Door, open the Door, they are waiting for me," was Gilbert's sweet command in delirium. Who were waiting for him, all we possess we would give to know – Anguish at last opened it, and he ran to the little Grave at his Grandparents' feet – All this and more, though is there more? More than Love and Death? Then tell me it's name!

Love for the sweet Catharines, Rose and Bud in one, and the Gentleman with the vast Name, and Annie and Ted, and if the softest for yourself, would they ever know, or knowing, covet?

How lovely that you went to "Church"!

May I go with you to the "Church of the first born?"

Emily –²²

Para a Sra. J. G. Holland final de 1883

Doce Irmã.

Era assim que eu costumava chamá-la?

Eu mal recordo, tudo parece tão diferente –

Eu hesito em qual palavra escolher, já que eu consigo escolher apenas algumas e cada uma deve ser a mais importante, mas lembro-me que a transação mais vívida da Terra está contida em uma sílaba, ou melhor, até mesmo em um olhar –

O Médico disse que eu tenho "Prostração nervosa."

Possivelmente eu tenho – Não conheço os Nomes das Doenças. A Crise da tristeza de tantos anos é tudo o que me cansa – Como Emily Brontë para o seu Criador, eu escrevo para o meu Perdido "Toda Existência existiria em ti –"

A tenra consternação que sentia pela senhora foi bastante aliviada pelo pequeno Cartão, que falava "melhor" tão alto quanto uma Voz humana –

Por favor, Irmã, espere –

²² (Dickinson; Johnson, 1958, p. 802-803)

“Abra a Porta, abra a Porta, eles estão esperando por mim,” foi o doce comando de Gilbert em meio ao delírio. Quem estava esperando por ele, tudo o que possuímos, nós daríamos para saber – Angústia, por fim, abriu-a, e ele correu para a pequena Sepultura aos pés de seus Avós – Tudo isso e mais, mas existe mais? Mais do que o Amor e a Morte? Então me diga seu nome!

Mando amor para as doces Catharines, Rose e Bud em conjunto, e para o Cavalheiro com o Nome vasto, e Annie e Ted, e se o mais terno fosse para a senhora mesma, será que eles algum dia saberiam, ou sabendo, cobiçariam?

Que encantador que a senhora foi à “Igreja”!

Posso ir com a senhora à “Igreja dos primogênitos?”

Emily –

Como comentado anteriormente, é nesse momento que se volta a ter informações mais concretas sobre a saúde de Dickinson e, por conseguinte, sobre a sua deterioração, principalmente em decorrência do seu estado emocional, conforme afirmado por ela própria: “A Crise da tristeza de tantos anos é tudo o que me cansa –”. Também é interessante observar, nesta carta, o teor de um desabafo sincero sobre a angústia, o cansaço e a desesperança que ela sentia e não deixava transparecer em suas cartas para Susan. Junto a isso, talvez até em consequência de ser a primeira correspondência sobre este assunto que não foi endereçada à sua cunhada, há a apresentação de novas informações sobre os últimos momentos de Gilbert, que ainda não haviam aparecido, tal qual havia ocorrido em diversas mensagens sobre a Sra. Dickinson.

As últimas palavras do garoto são mencionadas novamente na Carta 1020, dois anos depois de sua morte, entretanto, nesse caso, as falas são descritas como tendo sido proferidas no dia em que ele foi brincar na lama, não em seu estado de doença. Essa mudança, em conjunto com o relato que se segue sobre seu ato de ter aberto a porta para deixá-lo sair, sugere, novamente, essa espécie de responsabilidade culposa sobre o que aconteceu com Gilbert, que parece assombrar Dickinson em seus últimos anos de vida.

4.16 CARTA 876

To Kendall Emerson

Christmas 1883

Dear Kendall –

Christmas in Bethlehem means most of all, this Year, but Santa Claus still asks the way to
 Gilbert's little friends – Is Heaven an unfamiliar Road?
 Come sometime with your Sled and tell Gilbert's

Aunt Emily.²³

Para Kendall Emerson Natal de 1883

Querido Kendall –

O Natal em Belém significa mais que tudo, esse Ano, mas o Papai Noel ainda pergunta
 o caminho para os amiguinhos de Gilbert – Será o Paraíso uma Estrada desconhecida?

Venha um dia com seu Trenó e conte para aquela que Gilbert chamava de

Tia Emily.

Esta é a primeira de três epístolas que Dickinson envia na época de Natal a Emerson. De acordo com as anotações de Johnson (Dickinson; Johnson, 1958, p. 804-805) sobre essa carta, essa ação de Emily surgia de um sentimento especial pelo amigo de Gilbert, pelo fato de os garotos terem brincado juntos no buraco de lama que resultou em Gilbert contrair a febre tifoide que o matou. Todavia, como comentado sobre o conteúdo da carta anterior, é possível que parte desse sentimento esteja ligada a essa responsabilidade autoatribuída por Dickinson diante da situação que o levou a falecer. Por conseguinte, talvez possa ser sugerida a hipótese de que esse comprometimento em enviar uma carta todos os anos, não venha somente de um sentimento de carinho, mas também de culpa da poeta sobre si mesma. De todo modo, essas cartas se tornam uma forma de homenagem anual à memória de Gilbert, evidenciando mais uma vez a marca que o garoto deixou em sua tia. Já em relação à tradução, um detalhe importante de ser comentado é a alteração de “tell Gilbert's” para “e conte para aquela que Gilbert chamava de”, no intuito de manter a ideia, apresentada no texto-fonte, de a assinatura ser também a parte final do corpo da carta.

4.17 CARTA 877

To Mrs. Henry Hills Christmas 1883

²³ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 804-805)

Santa Claus comes with a Smile and a Tear. Santa Claus has been robbed, not by Burglars but Angels. The Children will pray for Santa Claus? ²⁴

Para a Sra. Henry Hills Natal de 1883

O Papai Noel vem com um Sorriso e uma Lágrima. O Papai Noel foi roubado, não por Ladrões mas por Anjos. As Crianças irão orar pelo Papai Noel?

4.18 CARTA 878

To Annie Jameson? Christmas 1883

Our Santa Claus is draped, this Year, but Gilbert's little Mates are still dear to his Aunt Emily. ²⁵

Para Annie Jameson? Natal de 1883

Nosso Papai Noel está vestido de luto, esse Ano, mas os Companheirinhos de Gilbert ainda são queridos pela sua Tia Emily.

A interrogação ao lado do nome do remetente, indica não ser possível ter certeza sobre a proveniência da epístola, entretanto, Johnson atesta ser, mais provavelmente, uma carta enviada junto a alguma lembrança à filha dos Jamesons.

4.19 CARTA 901

To Mrs. J. G. Holland early June 1884

Sweet friend.

I hope you brought your open Fire with you, else your confiding Nose has ere this been nipped

—

Three dazzling Winter Nights have wrecked the budding Gardens, and the Bobolinks stand as still in the Meadow as if they had never danced —

I hope your Heart has kept you warm — Should I say your Hearts, for you are yet a Banker —

Death cannot plunder half so fast as Fervor can re-earn —

²⁴ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 805)

²⁵ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 805)

We had one more, "Memorial Day," to whom to carry Blossoms –
 Gilbert had Lilies of the Valley, and Father and Mother, Damson-Hawthorn –
 When it shall come my turn, I want a Buttercup – Doubtless the Grass will give me one, for does
 she not revere the Whims of her flitting Children?
 I was with you in all the loneliness, when you took your flight, for every jostling of the Spirit
 barbs the Loss afresh – even the coming out of the Sun after an Hour's Rain, intensifies their Absence –
 Ask some kind Voice to read to you Mark Antony's Oration over his Playmate Caesar –
 I never knew a broken Heart to break itself so sweet –
 I am glad if Theodore balked the Professors – Most such are Manikins, and a warm blow from a
 brave Anatomy, hurls them into Wherefores – ²⁶

Para a Sra. J. G. Holland começo de junho de 1884

Doce amiga.

Espero que tenha trazido a sua Lareira com a senhora, caso contrário, o seu Nariz
 confiante deve já haver sido beliscado –

Três deslumbrantes Noites de Inverno arruinaram os Jardins promissores, e os Triste-
 pias permanecem imóveis no Prado, como se eles nunca tivessem dançado –

Espero que o seu Coração tenha a mantido aquecida – Ou deveria dizer seus Corações,
 pois a senhora ainda é uma Banqueira –

A Morte não consegue saquear tão rápido, nem metade do que o Fervor consegue
 reconquistar –

Nós tivemos mais um, "Dia da Memória", para quem levar Flores –

Gilbert recebeu Lírios-do-Vale, e meu Pai e minha Mãe, Ameixa-Pilriteiro –

Quando chegar minha vez, quero um Ranúnculo Amarelo – Sem dúvida a Grama me
 dará um, pois não reverencia ela os Caprichos de seus Filhos fugazes?

Eu estava com a senhora em toda aquela solidão, quando a senhora alçou o seu voo, pois
 cada investida do Espírito reaviva a Dor da Perda – até mesmo o nascimento do Sol depois de
 uma Hora de Chuva, intensifica a Ausência deles –

Peça para uma Voz gentil ler para a senhora a Oração de Marco Antônio sobre o seu
 Companheiro César –

Eu nunca soube que um Coração Partido poderia partir-se de forma tão doce –

Fico feliz se o Theodore fez os Professores hesitarem – A maioria são Manequins, e um
 sopro quente de uma corajosa Anatomia, lança-os nos "Porquês" –

²⁶ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 823-824)

De acordo com as anotações de Johnson, Theodore Holland é filho da Sra. Holland e havia se graduado, em junho de 1884, na Faculdade de Direito de Columbia. O “Porquês”, no texto-fonte *Wherefores*, é uma referência à peça de Shakespeare – *Romeu e Julieta* –, mais especificamente, à fala “Wherefore art thou Romeo?”, podendo ser traduzida por “Por que és tu Romeu?”.

4.20 CARTA 907

To Louise and Frances Norcross *early August 1884*

Dear Cousins,

I hope you heard Mr. Sanborn’s lecture. My *Republican* was borrowed before I waked, to read till my own dawn, which is rather tardy, for I have been quite sick, and could claim the immortal reprimand, “Mr. Lamb, you come down very late in the morning.” Eight Saturday noons ago, I was making a loaf of cake with Maggie, when I saw a great darkness coming and knew no more until late at night. I woke to find Austin and Vinnie and a strange physician bending over me, and supposed I was dying, or had died, all was so kind and hallowed. I had fainted and lain unconscious for the first time in my life. Then I grew very sick and gave the others much alarm, but am now staying. The doctor calls it “revenge of the nerves”; but who but Death had wronged them? Fanny’s dear note has lain unanswered for this long season, though its “Good-night, my dear,” warmed me to the core. I have all to say, but little strength to say it; so we must talk by degrees. I do want to know about Loo, what pleases her most, book or tune or friend. [...] ²⁷

Para Louise e Frances Norcross *início de agosto de 1884*

Queridas Primas,

Espero que tenham ouvido a palestra do Sr. Sanborn. Meu exemplar do *Republican* foi levado emprestado antes de eu acordar, para ser lido até o meu próprio amanhecer, que é um tanto tarde, pois eu estive bastante doente, e poderia alegar a imortal repreensão, “Sr. Lamb, o senhor desce muito tarde pela manhã.” Há oito tardes de sábado atrás, eu estava fazendo um bolo com a Maggie, quando vi uma grande escuridão se aproximando e perdi a consciência até tarde da noite. Acordei e encontrei Austin e Vinnie e um médico desconhecido debruçados sobre mim, e imaginei que estivesse morrendo, ou havia morrido, tudo era tão gentil e sagrado. Eu havia desmaiado e ficado inconsciente pela primeira vez em minha vida. Então fiquei muito

²⁷ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 826-827)

doente e causei aos outros grande alarme, mas agora estou me recuperando. O doutor chama isso de “vingança dos nervos”; mas quem, senão a Morte, lhes havia lesado? O bilhete querido da Fanny permaneceu sem resposta durante essa longa estação, embora o “Boa noite, minha querida,” tenha me aquecido profundamente. Eu tenho muito a dizer, no entanto, pouca força para dizê-lo; por isso devemos conversar gradualmente. Quero muito saber sobre a Loo, o que mais lhe agrada, se um livro, uma melodia ou um amigo. [...]

Esta carta não foi traduzida na íntegra, primariamente por não apresentar nenhuma informação relacionada diretamente à Sra. Dickinson ou a Gilbert. Entretanto, ela apresenta dados pertinentes à construção do argumento de que o estresse emocional enfrentado por Emily Dickinson impactou gravemente a sua saúde. Por essa razão, ao escrever acerca de seu primeiro desmaio – resultado do que havia sido chamado anteriormente de “prostração nervosa”, e agora de “vingança dos nervos” –, esse trecho se mostrou de alta relevância para a presente pesquisa. Na tradução apresentada, apesar de se reconhecer que reduzir “loaf of cake” apenas para “bolo” significa deformar o texto-fonte de maneira a empobrecê-lo quantitativamente (como teoriza Berman), não foi possível encontrar um equivalente em língua portuguesa que transmitisse, em extensão similar, a noção de um bolo assado em uma forma retangular – a mesma utilizada para o pão de forma.

4.21 CARTA 938

To Susan Gilbert Dickinson October 1884

Twice, when I had Red Flowers out, Gilbert knocked, raised his sweet Hat, and asked if he might touch them –

Yes, and take them too, I said, but Chivalry forbade him – Besides, he gathered Hearts, not Flowers –

Some Arrows slay but whom they strike –

But this slew all but him –

Who so appareled his Escape –

Too trackless for a Tomb –

Emily – ²⁸

Para Susan Gilbert Dickinson outubro de 1884

²⁸ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 842-843)

Por duas vezes, quando eu deixei Flores Vermelhas à vista, Gilbert bateu à porta, levantou seu gracioso Chapéu, e perguntou se ele poderia tocá-las –

Sim, e levá-las também, eu disse, mas o Cavalheirismo o proibia – Além disso, ele colhia Corações, não Flores –

Algumas Flechas matam apenas quem atingem –

Mas essa matou todos, menos ele –

Quem assim trajou sua Fuga –

Irrastreável demais para um Túmulo –

Emily –

4.22 CARTA 945

To Mr. and Mrs. E. J. Loomis autumn 1884

It consoles the happy Sorrow of Autumn, to know that plumbless ones are near.

My acquaintance with the Irreparable dates from the Death Bed of a young Flower to which I was deeply attached.

The element of Elegy, like Bugles at a Grave, how solemnly inspiring!

Ascension has a muffled Route.

E. Dickinson.²⁹

Para o Sr. e a Sra. E. J. Loomis outono de 1884

Consola a alegre Tristeza de Outono, saber que os que se sentem leves estão por perto.

Meu relacionamento com o Irreparável data do Leito de Morte de uma jovem Flor à qual eu era profundamente apegada.

O elemento da Elegia, como Cornetas em uma Sepultura, quão solenemente encorajador!

A Ascensão tem um Caminho silencioso.

E. Dickinson.

²⁹ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 846)

Esta carta foi enviada próxima à data que marcava um ano da morte de Gilbert, o qual é referenciado na epístola como “uma jovem Flor”. Apesar de ser breve, em comparação a cartas mais longas, esta exigiu mais tempo para a sua tradução ser concluída. A demora se deu, principalmente, em razão da dificuldade para entender o uso do adjetivo *plumbless* neste contexto e, assim, poder traduzi-lo de acordo com o sentido que parece exercer nesta carta. Ao pesquisar definições para este adjetivo, nenhum dos dicionários utilizados como fonte primária de busca (como o *Cambridge Dictionary* e o *Merriam Webster*) apresentaram resultados. Portanto, a segunda tentativa consistiu em pesquisar a definição do radical da palavra, *plumb*, e, a partir disso, deduzir como o acréscimo do sufixo negativo *-less* modifica o sentido do adjetivo construído.

Dentre as definições encontradas nos dicionários supramencionados, a única que apareceu simultaneamente nas duas fontes foi a descrição do termo como uma ferramenta de medição de profundidade da água, consistindo em um peso de chumbo preso a uma corda. Partindo desta definição e compreendendo a função do sufixo negativo *-less* como indicador da ausência do radical ao qual está conectado – como, por exemplo, *endless*, que significa “sem fim” ou “infinito” – foi teorizado duas possibilidades de significado para o adjetivo *plumbless*. A primeira possibilidade foca na estrutura da ferramenta, sendo compreendida como algo pesado por possuir o componente do chumbo, desta maneira, o adjetivo atribuiria a característica de algo sem esse chumbo, ou seja, sem peso, leve. Já a segunda foca na função da ferramenta, a de determinar profundidade, deste modo, o termo atribuiria a característica de algo sem fundo mensurável, ou seja, profundo demais para ser medido.

Ao observar o contexto da carta e como ela se inicia, o primeiro significado teorizado para o adjetivo se provou ser o mais adequado. Isto fica claro ao relacionar alguns fatores: o primeiro, o momento em que esta carta foi escrita, tendo sido por volta de dois anos depois da morte da mãe de Dickinson e por volta de um ano depois da morte de Gilbert, assim sendo, a poeta ainda estava bastante abalada por essas perdas recentes. O segundo fator é a utilização da expressão *Sorrow of Autumn*, um fenômeno abordado por pesquisadores³⁰ e poetas³¹ como a melancolia e a tristeza que o outono causa em algumas pessoas, além de ser considerado um

³⁰ Diversos veículos de notícias já publicaram matérias sobre o que profissionais da área da saúde tem a dizer sobre o fenômeno da “Tristeza de Outono”, entretanto, duas se destacam por melhor exemplificarem o argumento apresentado, a primeira é intitulada “Outono e a sua simbologia: por que a estação é associada a introspecção?” (Carvalho, CNN Brasil, 2026) e a segunda “Alerta do outono: mudança de estação pode influenciar na depressão” (Terra, 2026).

³¹ Alguns poetas já abordaram sobre essa tristeza sazonal em seus versos, vale mencionar o poema “Autumn Sorrow” pelo poeta norte-americano Madison Julius Cawein e “Autumn Sadness” pela poeta, também norte-americana, Emma Lazarus.

momento de introspecção, transição e transformação. Na carta, Dickinson afirma que o que consola essa “Tristeza de Outono” é ter pessoas como os Loomis por perto, sendo referidos na mensagem como *ones*, desta maneira, o terceiro fator que fortalece a primeira teoria de compreensão de *plumbless* como a opção mais adequada para este contexto, é de como este adjetivo está sendo usado para caracterizar *ones*, neste caso, os destinatários da carta. Assim sendo, o que Dickinson parece indicar é que haver pessoas que não estejam passando por uma situação similar consola esses sentimentos pesados que ela está enfrentando. Portanto, atribuir ao adjetivo *plumbless* o significado de leveza parece se encaixar melhor neste contexto, apesar de resultar em um alongamento, tendência deformadora explicada anteriormente na Carta 777.

4.23 CARTA 956

To Kendall Emerson Christmas 1884

Missing my own Boy, I knock at other Trundle-Beds, and trust the Curls are in –

Little Gilbert’s Aunt – ³²

Para Kendall Emerson Natal de 1884

Com saudades do meu Menino, eu bato à porta de outras Camas Auxiliares, e confio que os Cachos estejam lá –

Tia do Pequeno Gilbert –

Esta é a segunda das três cartas que Dickinson enviou a Kendall Emerson em memória de Gilbert.

4.24 CARTA 1018

To Forrest F. Emerson late September 1885

Dear Clergyman

³² (Dickinson; Johnson, 1958, p. 853)

In a note which you sent my brother soon after the dying of our child, was a passage, our only spar at the time, and solemnly remembered.

We would gladly possess it more accurately, if convenient to you. "And I can but believe that in such a mysterious providence as the dying of little Gilbert, there is a purpose of benevolence which does not include our present happiness." Vinnie hoped, too, to speak with you of Helen of Colorado, whom she understood you to have a friend, a friend also of hers.

Should she know any circumstances of her life's close, would she perhaps lend it to you, that you might lend it to me? Oh had that Keats a Severn!

But I trespass upon your thronged time.

With affection for Mrs Emerson, and my sister's love.

Earnestly,

E. Dickinson.³³

Para Forrest F. Emerson final de setembro de 1885

Querido Clérigo

Em um bilhete que o senhor enviou ao meu irmão logo após a morte de nossa criança, havia uma passagem, nosso único suporte naquele momento, e solenemente lembrado.

Nós gostaríamos muito, se pudéssemos possuí-lo com mais detalhes, se for conveniente ao senhor. "E não me resta senão acreditar que, em uma providência tão misteriosa como a morte do pequeno Gilbert, há um propósito de benevolência que não inclui nossa felicidade atual." Vinnie também tinha esperança de falar com o senhor sobre a Helen de Colorado, que, pelo que ela sabia, era sua amiga e também amiga dela.

Se ela soubesse de alguma circunstância sobre o fim de sua vida, será que ela talvez emprestaria ao senhor, para que o senhor a emprestasse para mim? Ó se essa Keats tivesse um Severn!

Mas eu invado o seu tempo lotado.

Com afeto pela Sra. Emerson, e o amor de minha irmã.

Sinceramente,

E. Dickinson.

A mulher que Dickinson menciona é Helen Hunt Jackson, uma escritora, romancista e poeta popular americana. De acordo com a sua página biográfica no *site* do Museu de Dickinson (Emily Dickinson Museum, [s.d.]b), foi Higginson quem as apresentou, por ser mentor de

³³ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 890)

ambas as autoras. Na página, também consta que Jackson tentou persuadir a poeta a submeter um de seus poemas para um volume de poesia anônima que seria lançado. Ao final, o poema apareceu no livro em questão, todavia, não se sabe claramente se quem o submeteu foi a própria Dickinson, ou se Jackson o fez sem seu conhecimento.

O questionamento sobre as circunstâncias da morte da escritora está ligado à última mensagem que Dickinson havia recebido de Jackson, a qual não informava nada alarmante sobre seu estado de saúde, além da recuperação de uma perna quebrada. Assim sendo, quando Dickinson viu a notícia no jornal sobre o falecimento de Jackson devido à piora de um câncer, a informação foi bastante inesperada para a poeta. Já o trecho “Ó se essa Keats tivesse um Severn!” refere-se à lendária amizade entre os escritores John Keats e Joseph Severn.

4.25 CARTA 1020

To Mrs. Edward Tuckerman October 1885

Dear friend.

I thought of you on your lonely journey, certain the hallowed Heroine was gratified, though mute – I trust you return in safety and with closer clutch for that which remains, for Dying whets the grasp.

October is a mighty Month, for in it Little Gilbert died. “Open the Door” was his last Cry – “the Boys are waiting for me!”

Quite used to his Commandment, his little Aunt obeyed, and still two years and many Days, and he does not return.

Where makes my Lark his Nest?

But Corinthians’ Bugle obliterates the Birds, so covering your loved Heart to keep it from another shot,

Tenderly,
Emily.³⁴

Para a Sra. Edward Tuckerman outubro de 1885

Querida amiga.

Eu pensei na senhora, em sua jornada solitária, certa de que a venerada Heroína estava contente, embora muda – Confio que a senhora retorna em segurança e com um aperto ainda mais firme naquilo que resta, pois o Morrer aguça o apego.

³⁴ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 891-892)

Outubro é um Mês poderoso, pois foi nele que o Pequeno Gilbert morreu. “Abra a Porta” foi seu último Grito – “os Meninos estão esperando por mim!”

Um tanto acostumada com seus Mandamentos, sua pequena Tia obedeceu, e mesmo já passado dois anos e muitos Dias, ele ainda não voltou.

Onde minha Cotovia faz seu Ninho?

Mas a Corneta de Coríntios oblitera os Pássaros, então cubra o seu amado Coração para protegê-lo de outro tiro,

Carinhosamente,
Emily.

4.26 CARTA 1027

To Kendall Emerson Christmas 1885

Dear Kendall.

I send you a Blossom with my love – Spend it as you will –
The Woods are too deep for your little Feet to grope for Evergreen –

Your friend
Emily – ³⁵

Para Kendall Emerson Natal de 1885

Querido Kendall.

Eu envio uma Pequena Flor com o meu amor – Faça dele o quiser –
A Floresta é profunda demais para os seus Pezinhos tatearem em busca do Verde Perene

—

Sua amiga
Emily –

Esta é a terceira e última epístola de Natal endereçada a Kendall Emerson, encerrando, nesse ano, a tradição estabelecida em memória de Gilbert, pois, em 15 de maio do ano seguinte, Emily Dickinson viria a falecer.

³⁵ (Dickinson; Johnson, 1958, p. 894)

5 CONCLUSÃO

Ao final de sua vida, aos 55 anos, Emily Dickinson havia escrito por volta de mil cartas e aproximadamente mil e oitocentos poemas, antes de falecer. Enquanto sua poesia continua sendo amplamente traduzida, a maioria de suas epístolas ainda possui pouca ou nenhuma tradução para o português brasileiro. Por essa razão, este trabalho teve a intenção de apresentar traduções de cartas ainda não exploradas em nossa língua. Em outras palavras, este trabalho tentou reforçar a relevância de se produzir a tradução de materiais sem versões publicadas em português brasileiro, com o intuito de ampliar as discussões no Brasil sobre as produções de Emily Dickinson. O pequeno escopo exposto, foi selecionado a partir da temática de morte, imortalidade, luto e da marca deixada por entes queridos que partiram, identificada dentro das epístolas sobre o falecimento da mãe e do sobrinho de Emily Dickinson. Ao final, o volume de cartas traduzidas acerca destes assuntos foi maior do que o estimado no começo da pesquisa, o que, de certa forma, reforça o argumento apresentado ao decorrer do trabalho sobre a relevância dessas perdas familiares na vida da poeta.

O processo tradutório resultou em desdobramentos pessoais interessantes sobre a percepção de como se constrói uma tradução. Destaca-se, por exemplo, a exigência constante de consistência nos métodos empregados, para não criar grandes disparidades de formulação e padrão de sentença de um texto para o outro, bem como a necessidade de compreender bem as prioridades elencadas para a escolha final de tradução de trechos considerados difíceis. Para além de aspectos mais metodológicos, o movimento de ler e interpretar as cartas diversas vezes e depois traduzi-las, também resultou em uma aproximação subjetiva maior com a epistolografia. Afinal, o ato de traduzir, por vezes, pode ser um processo bastante íntimo, principalmente ao escolher uma autora a partir de preferência e gosto pessoal pela obra, mas também quando abarca assuntos subjetivos e relacionáveis com experiências pessoais.

Por fim, ainda há muito a ser explorado e traduzido no que concerne ao “reino todo seu”, na obra epistolar de Emily Dickinson. Este trabalho, abrange apenas uma fração de como os temas morte, luto e imortalidade foram compreendidos, questionados, e reconstruídos pela poeta ao longo de sua vida; em específico, forneceu um vislumbre de como esses assuntos a tocavam no aspecto familiar e na vivência pessoal. Tratar a obra por outros ângulos – tal como a partir de cartas que buscam confortar um amigo em situação de luto, ou daquelas cartas sobre outras perdas familiares de Dickinson quando ela era mais nova – pode apresentar novas perspectivas da autora sobre os temas mencionados, o que abre a possibilidade de expandir ou refutar as teorias e hipóteses construídas ao longo deste trabalho.

Em outras palavras, em uma futura pesquisa, seria importante agrupar todas as cartas produzidas pela poeta que reúnem os temas mencionados, nos seus mais diversos contextos, utilizando como acervo, não somente um, mas os três volumes publicados por Johnson. Isso poderia resultar em uma construção mais concreta das análises introduzidas nesta pesquisa, sobre os padrões de comportamento na escrita de Dickinson, quando busca homenagear pessoas falecidas, sendo possível, por exemplo, analisar as cartas destinadas a amigos que perderam algum familiar. Por fim, traduzir Emily Dickinson nunca será uma tarefa fácil, pois existe uma certa intraduzibilidade em qualquer assunto pertinente ao que vem do íntimo profundo em que se encontram os sentimentos, os ressentimentos e a esperança. Mas, apesar de não ser fácil, é uma atividade que revigora a fascinação pelo inconsciente humano e a curiosidade pelo desconhecido.

REFERÊNCIAS

- ACCENT. *In*: CAMBRIDGE DICTIONARY. [s.d.].Disponível em:
<https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/accent>. Acesso em: 12 jun. 2026.
- Alerta do outono: mudança de estação pode influenciar na depressão.** Terra, 1 abr. 2026. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/saude-mental/alerta-do-outono-mudanca-de-estacao-pode-influenciar-na-depressao,5bc6a3b6a5ab54e8f91fd91df332eab0y609o6do.html>. Acesso em: 27 jul. 2026.
- AMERICAN HERITAGE. **Thomas H. Johnson**. Disponível em:
<https://www.americanheritage.com/users/thomas-h-johnson>. Acesso em: 12 jun. 2026.
- BASSNETT, Susan; MATOS, Naylane Araújo. Escrevendo em terra de homem nenhum: questões de gênero e tradução. **Cadernos de Tradução**, [S. l.], v. 40, n. 1, p. 456–471, 2020. DOI: 10.5007/2175-7968.2020v40n1p456. Disponível em:
<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2020v40n1p456>. Acesso em: 12 jun. 2026.
- BERMAN, Antoine. **A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo**. 2ª ed. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013. 189 p. ISBN 9788599554760..
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Brasília, DF: Sociedade Bíblica do Brasil, 1979.
- CARVALHO, Bárbara. **Outono e a sua simbologia: por que a estação é associada a introspecção?** CNN Brasil, 25 mar. 2026. Disponível em:
<https://www.cnnbrasil.com.br/lifestyle/outono-e-a-sua-simbologia-por-que-a-estacao-e-associada-a-introspeccao/>. Acesso em 27 jul. 2026.
- CAWEIN, Madison Julius; PAPE, Eric. **The Poems of Madison Cawein, volume 3 (of 5)**. [S.l.]: Anson Street Press, 2025.
- CRESCENTE. *In*: MICHAELIS ON-LINE. [s.d.].Disponível em:
<https://michaelis.uol.com.br/palavra/IBwN/crescente/>. Acesso em: 12 jun. 2026.
- DICKINSON, Emily. **Emily Dickinson: não sou ninguém**. Trad. de Augusto de Campos. 2 ed. rev. e ampl. – Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

DICKINSON, Emily. **Emily Dickinson: Poemas Existenciais**. Trad. de Juliana Costa. Rio de Janeiro, RJ: Caligari, 2024.

DICKINSON, Emily. **Emily Dickinson: Poemas de Amor**. Trad. de Laura de Oliveira Lima. Rio de Janeiro, RJ: Caligari, 2022.

DICKINSON, Emily. **Loucas Noites/Wild Nights: 55 poemas/poems**. Trad. de Isa Mara Lando. 1. reimpr. São Paulo: DISAL, 2010.

DICKINSON, Emily. **Poemas Escolhidos**. Trad. de Ivo Bender. Porto Alegre, RS: L&PM Pocket, 2007.

DICKINSON, Emily. **Poemas Traduzidos**. Trad. de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, RJ: R.A., 1945.

DICKINSON, Emily; JOHNSON, Thomas H.; WARD, Theodora. **The Letters of Emily Dickinson**. Volume II. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 1958.

DICKINSON, Emily; JOHNSON, Thomas H.; WARD, Theodora. **The Letters of Emily Dickinson**. Volume III. Cambridge, MA: Belknap Press of Harvard University Press, 1958.

EMILY DICKINSON MUSEUM. **Elizabeth Holland (1823-1896), friend**. Emily Dickinson Museum, [s.d.]a. Disponível em: <https://www.emilydickinsonmuseum.org/elizabeth-holland-1823-1896-friend/>. Acesso em: 12 jun. 2026.

EMILY DICKINSON MUSEUM. **FAQs**. Emily Dickinson Museum, [s.d.]e. Disponível em: <https://www.emilydickinsonmuseum.org/emily-dickinson/learn-more-2/faqs/>. Acesso em: 23 jul. 2026.

EMILY DICKINSON MUSEUM. **Helen Hunt Jackson (1830-1885), friend**. Emily Dickinson Museum, [s.d.]b. Disponível em: <https://www.emilydickinsonmuseum.org/helen-hunt-jackson-1830-1885-friend/>. Acesso em: 12 jun. 2026.

EMILY DICKINSON MUSEUM. **Susan Huntington Gilbert Dickinson (1830-1913), sister-in-law**. Emily Dickinson Museum, [s.d.]c. Disponível em: <https://www.emilydickinsonmuseum.org/susan-huntington-gilbert-dickinson-1830-1913-sister-in-law/>. Acesso em: 12 jun. 2026.

EMILY DICKINSON MUSEUM. **Thomas Wentworth Higginson (1823-1911), correspondent**. Emily Dickinson Museum, [s.d.]d. Disponível em: <https://www.emilydickinsonmuseum.org/thomas-wentworth-higginson-1823-1911-correspondent/>. Acesso em: 12 de jun. 2026.

FERNANDES, J. M. **As cartas de Emily Dickinson: um reino todo seu**. Correio IMS: Instituto Moreira Salles, 23 mar. 2022. Disponível em: <https://correio.ims.com.br/as-cartas-de-emily-dickinson-um-reino-todo-seu/>. Acesso em: 12 jun. 2026.

PINILLA, José Antonio Sabio. Por que a teoria da tradução é útil para os tradutores? Tradução de Willian H. C. Moura, Morgana A. de Matos e Fernanda Christmann. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 39, n. 3, p. 595-621, set./dez. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7968.2019v39n3p595>. Acesso em: 12 jun. 2026.

HELPLESS. In: CAMBRIDGE DICTIONARY. [s.d.]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/helpless>. Acesso em: 12 jun. 2026.

KNELL. In: CAMBRIDGE DICTIONARY. [s.d.]. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/knell?q=Knell>. Acesso em: 12 jun. 2026.

KNELL. In: MICHAELIS ON-LINE. [s.d.]. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/palavra/7K57l/knell/>. Acesso em: 12 jun. 2026.

KNELL. In: WORDREFERENCE.COM. [s.d.]. Disponível em: <https://www.wordreference.com/enpt/knell>. Acesso em: 12 jun. 2026.

LAZARUS, Emma. **The Poems of Emma Lazarus**. Volume I. Cambridge, MA: The Riverside Press, 1889.

MOURÃO, Fernanda. Esta é minha carta ao mundo. **Aletria: Revista de Estudos de Literatura**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 133-149, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/18240/15029>. Acesso em: 13 jun. 2026.

SERAPH. In: ENCYCLOPAEDIA BRITANNICA. [s.d.]. Disponível em: <https://www.britannica.com/topic/seraph>. Acesso em: 27 jul. 2026.

TOKEN. In: CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/token>. Acesso em: 22 jul. 2026.

TOKEN. In: LINGUEE. Disponível em: <https://www.linguee.com/portugues-ingles/search?source=auto&query=Token>. Acesso em: 22 jul. 2026.

TORRES, Marie-Hélène Catherine. Por que e como pesquisar a tradução comentada? In: FREITAS, Luana Ferreira de; TORRES, Marie-Hélène Catherine; COSTA, Walter Carlos (orgs.). **Literatura Traduzida tradução comentada e comentários de tradução volume dois**. Fortaleza, CE: substância, 2017. p.15-35.

WIECHMANN, Natalia Helena. A fortuna crítica de Emily Dickinson. **Revista Criação & Crítica**, [S.L.], n. 10, p. 47-62, 22 maio 2013. Universidade de São Paulo, Agência USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA). <http://dx.doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0i10p47-62>. Disponível em: https://revistas.usp.br/criacaoecritica/pt_BR/article/view/50844. Acesso em: 12 jun. 2026.

WIECHMANN, Natália Helena. A poesia-experiência de Emily Dickinson. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 7, n. 2, p. 283-293, ago./dez. 2015.

WILDERNESS. *In*: CAMBRIDGE DICTIONARY. Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/dictionary/english-portuguese/wilderness>. Acesso em: 22 jul. 2026.

WILDERNESS. *In*: LINGUEE. Disponível em: <https://www.linguee.com.br/portugues-ingles/search?source=auto&query=Wilderness>. Acesso em: 22 jul. 2026.